



Grpesq/ CNPq-
Intelectuais e Poder
no Mundo Ibero-americano
Revista Intellectus
ISSN 1676-7640



Universidade de Coimbra



CEIS 20
CENTRO DE ESTUDOS
INTERDISCIPLINARES
DO SÉCULO XXI
UNIVERSIDADE DE COIMBRA



XI COLÓQUIO INTERNACIONAL TRADIÇÃO E MODERNIDADE NO MUNDO IBERO-AMERICANO

22-26 de novembro de 2015

Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Salão Nobre. Faculdade de Direito.

CADERNO DE RESUMOS

Maria Emilia Prado (org)



Grpesc/ CNPq-
Intelectuais e Poder
no Mundo Ibero-americano
Revista Intelectus
ISSN 1676-7640



Universidade de Coimbra



C E I T M
CENTRO DE ESTUDOS
INTERDISCIPLINARES
DO TERCER MILÉNIO
UNIVERSIDADE DE COIMBRA



HA
ASOCIACIÓN DE HISTORIA ACTUAL

université
Paris Ovest
Nanterre La Défense



XI Colóquio Internacional Tradição
e Modernidade no Mundo Ibero-Americano.
Caderno de Resumos/Maria Emilia Prado (org)
Rio de Janeiro. UERJ/Rede Sirius/ 2015.
1 recurso on line 60p.
ISBN – 978-85-88769-95-3
1- - História 2- Ibero-América-3 Intelectuais
4-ideias 5- cultura. PRADO, Maria Emilia.



Organizadores:

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Grupo de Pesquisa - Intelectuais e Poder no Mundo Ibero-Americano –

Grupo de Pesquisa- Intelectuais, Sociedade e Política.

Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX – CEIS-20 - Universidade de Coimbra
Asociación de Historia Actual- AHA -Universidad de Cádiz

Centre de Recherches Ibériques et Ibéro-Américaines–
Université Paris Ovest Nanterre - La Défense

Sede do Colóquio

Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Rua S. Francisco Xavier 584- Maracanã. Rio de Janeiro.

Salão Nobre- Faculdade de Direito e salas anexas.

Coloquio.trad.modernidade@gmail.com

Comitê Organizador

Maria Emilia Prado

Karoline Carula

Maria Letícia Correa

Comitê Científico

Ana Lúcia Nemi- Universidade Federal de São Paulo.

Antonio Pedro Pita. Universidade de Coimbra.

Claudia Wassermann- Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Julio Pérez Serrano. Universidad de Cádiz

Maria Emilia Prado. Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Maria Manuela Tavares Ribeiro. Universidade de Coimbra.

Marie-Claude Chaput. Université Paris Ovest Nanterre-La Défense.

Regina Crespo- Universidade Nacional do México.

Zoraida Carandell. Université Paris Ovest Nanterre-La Défense



XI COLOQUIO INTERNACIONAL TRADIÇÃO E MODERNIDADE NO MUNDO IBERO-AMERICANO

**Rio de Janeiro, 24-26 de Novembro de 2015.
Universidade do Estado do Rio de Janeiro**

SIMPÓSIO Nº 1- INTELLECTUAIS, EDUCAÇÃO E PROJETOS NACIONAIS: TRADIÇÃO E MODERNIDADE NO MUNDO IBERO-AMERICANO -SÉCULOS XVIII-XX.

Coordenadores:

Prof^a Dr^a Adir da Luz Almeida (FFP/ Universidade do Estado do Rio de Janeiro/ UERJ)
adirluz@gmail.com

Prof. Dr. Washington Dener dos Santos Cunha (Fac.Educação/ Universidade do Estado do Rio de Janeiro/ UERJ e Unigranrio)
wdener@uol.com.br

Pesquisas sobre intelectuais estiveram por algum tempo no “limbo” dos trabalhos historiográficos. Jean- François Sirinelli ao estudar a trajetória, a rede de sociabilidade da geração francesa entre-guerras, aborda a delicadeza dessa temática na historiografia. Sirinelli chega a dizer que o lugar da história dos intelectuais é “o ângulo morto”. Dentro de projetos educacionais do século XVIII ao XX, os intelectuais, com diversas formações e concepções diferenciadas para construção de um ideal de “nação moderna”, tinham como perspectiva central que a sociedade, em geral, aceitasse que, a partir da capital, projetos sociais e educacionais sob a lente do avanço civilizador. O “avanço civilizador”, dentro da representação circulante no período, tem como sentido retirar a nação do que era considerado “obscurantismo”; “crenças irracionais”. Assim, a proposta deste simpósio tem como objetivos acolher, apresentar e debater trabalhos que possam contribuir com um dos temas propostos pelo Colóquio Tradição e Modernidade, no caso, o tema Intelectuais e Projetos Nacionais tendo como vetor a Educação.

- A Trajetória de Sant’Anna Nery: Um mediador entre o Brasil e a França.

Mariana Gonçalves de Lima - Unicamp - marysjk@hotmail.com

O jornalista Frederico José de Santa Anna Nery (1848-Brasil -1901-França) teve um importante papel como divulgador ‘das coisas brasileiras’ em Paris. Nasceu em Belém e aos 12 anos mudou-se para Paris, onde recebeu o título de bacharel em Letras. Em 1870 doutorou-se em Direito, em Roma, onde começou sua atividade jornalística. Trabalhou em diversos jornais europeus (L’Univers; L’Événement Écho de Paris; L’opinion; Le figaro; L’Amérique; Republique Française, La Tribuna, Libertá, Journal de Rome e Il Século) e foi redator por mais de vinte anos do jornal brasileiro: Jornal do Commercio. Nery é uma figura singular, pois além de inscrever seu nome no encontro da França com Brasil expandiu um pouco mais a conexão entre o Velho e o Novo mundo quando passou pela Itália e por Portugal. Na França foi membro da Associação Literária, oficial da Academia da França e Cavaleiro da Legião de Honra. No Brasil, recebeu homenagens de Dom Pedro II, tornando-se oficial da Ordem da Rosa. Em Portugal, recebeu o título de comendador da Ordem de Cristo, por suas conferências sobre Camões. Em Roma, Leão

XII fê-lo barão. Este trabalho visa apresentar a figura de Santa Anna Nery como mediador cultural entre Brasil e França durante o século XIX, e, mais especificamente, incitar a discussão sobre a conexão entre a Amazônia e Paris.

- Modernidade como projeto civilizador: Redes de sociabilidade e intelectuais na fundação do Jornal O Paiz (1884)

Giovanni Codeça da Silva – UFRJ - codecasilva@gmail.com

O Jornal O Paiz entrou em circulação no primeiro dia de outubro de 1884. Sua tiragem inicial contava com 11 mil exemplares e trazia em seu cabeçalho o slogan “O Paiz é a folha de maior tiragem e de maior circulação na América Latina”. Em sua proposta elegeu a abolição e a república como ideais modernizantes, expressando não apenas a opinião de seu redator-chefe Rui Barbosa, mas de toda rede social que compunha o grupo (João José dos Reis Júnior, Quintino Bocaiúva, Antônio Pereira Leitão, Francisco de Paula Mayrink, Arthur Azevedo, Lima Barreto, Pinheiro Machado, Silva Jardim entre outros). O Jornal se apresenta como espaço de informação e formação (educação) de opinião pública através da inserção de temas nacionais apontados como responsáveis pelo atraso brasileiro. A superação destes entraves, escravidão e a monarquia, segundo este grupo de intelectuais, iriam alçar o País ao patamar das nações civilizadas. Nossa proposta é investigar o discurso editorial do primeiro número do Jornal O Paiz a partir desta rede social. Suas relações, cooperações e tensões enquanto setores classistas e intelectuais pertencentes a uma ambiência modernizante.

Raphael Galanti: Um intelectual no pensamento histórico brasileiro.

Ligia Bahia de Mendonça- SME-RJ/ UERJ- ligiabahia@gmail.com

O Brasil teve por um longo período uma educação confessional, no qual ressaltamos a influência da Companhia de Jesus, que fundou Colégios e Seminários nestas terras e, mesmo quando foram supressos, permaneceram. Se a Ordem de Inácio é por si só uma “agência cultural”, ao mesmo tempo é “um meio para chegar a outras coisas” ou a outras histórias. A partir do século XIX foi sendo desenvolvido um projeto de nação que visava uma educação secularizada. Contudo, como já ocorrera, os jesuítas não se afastaram da cena educacional, seja atuando como professores nos colégios secundários ou produzindo livros didáticos. Na pesquisa, desde o período do Mestrado em Educação, chamava atenção o “padre autor de livros”, que foi reconhecido apenas como cientista pela Companhia, ainda que tenha produzido muitos livros de História e circulado em vários Institutos brasileiros. Padre Raphael Maria Galanti escreveu diversos Compêndios de História, com uma maneira própria de escrevê-la, constituindo-se, juntamente com outros intelectuais, como o cerne do pensamento histórico brasileiro. Pretende-se trazer à baila o intelectual que atuou na escrita da História deste país, mas que está, assim como outros, no “ângulo morto” da História, como foi vista por algum tempo a História dos intelectuais.

- A paideia euclidiana: esboços para um Brasil das margens

Anabelle Loivos Considera – FE/UFRJ- analovos@gmail.com

Luiz Fernando Conde Sangenis – FFP/ UERJ- lfsangenis@uol.com.br

Paideia, originalmente formulado e explicitado nos poemas homéricos, exprime o ideal educativo grego; surge como um atributo próprio da nobreza integral do homem, perceptível através de um determinado conjunto de qualidades físicas e espirituais. A Paideia grega resumia numa palavra o tônus de heroicidade que cabia na construção do discurso acerca deste homem moldado, “conduzido” à felicidade. Em seus múltiplos escritos sobre sertões e selvas, Euclides da Cunha acaba por enfileirar projetos civilizatórios, desbravando terras ignotas e consciências, para manter a opção pela

pátria. Constrói então um discurso mais afeito à dicção romântico-nacionalista do que propriamente à republicana que, via de regra, deveria pontuá-lo. Neste sentido, o autor brasileiro descreve uma paideia de margem, que persegue metaforicamente as pegadas dos bandeirantes, missionários e vaqueiros, enraizando na escrita os signos de um Brasil profundo e desamparado pelo poder central. A proposta desse trabalho é percorrer, através de alguns textos fundantes de Euclides da Cunha, a cartografia filosófico-poética de um escritor que cria com ardor nos mestres-escola (professores) contra os canhões e já intuía um projeto pedagógico para uma nação em pleno processo de afirmação de suas instituições – não obstante, imersas em abundantes contradições entre o discurso e a práxis.

Theobaldo Miranda Santos e a educação do cidadão moderno em criança brasileira

Valdeci Rezende Borges – UFG - valdecirezborges@yahoo.com.br

Objetiva-se tratar o imaginário social edificado nas representações do livro escolar primário Criança brasileira: segundo livro de leitura, de Theobaldo Miranda Santos, publicado e adotado no Brasil nas décadas de 1940 e 1950. O livro aborda temas básicos para a formação histórica do cidadão moderno ao oferecer ao aluno fundamentos genéricos da vida corrente acerca de temas como: escola, bairro, saúde, trabalho, cidade. A problemática insere na vida escolar e cotidiana da criança, considerando a leitura como processo de transmissão de saberes, de construção de sentidos para interpretação da sociedade. Santos exerceu o magistério e publicou mais de 150 livros didáticos, dentre eles de leitura, em coleções da Companhia Editora Nacional, conformados a uma proposta educacional de intervenção social. Tais livros desempenham lugar de destaque no aprendizado escolar e na formação histórica do sujeito-leitor como cidadão civilizado; no ensino e apreensão de noções básicas de comportamento e moral. Assim, se pesquisa as visões de mundo, ideias, atitudes e os valores e comportamentos eleitos como importantes na constituição do aluno como cidadão. O referencial teórico situa-se na encruzilhada da história cultural das práticas sociais e dos usos em confluência com a educação histórica, do aprendizado escolar como orientador e construtor da cidadania.

- Joaquim Manoel de Macedo, IHGB e Colégio Pedro II: uma análise a partir de “O Ano Biográfico Brasileiro”

AdjovanesThadeu Silva de Almeida – Colégio Pedro II - adjovanes@hotmail.com

O presente trabalho busca analisar a atuação intelectual de Joaquim Manoel de Macedo a partir do livro “O Ano Biográfico Brasileiro”, na qual o autor demonstra sua percepção acerca da História; assim, em primeiro lugar, após um breve esboço biográfico, abordaremos a relação entre o autor e o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), assim como a trajetória deste último; a seguir, esta comunicação abordará “O Ano Biográfico”, buscando caracterizá-lo, além de destacar as fontes e autores utilizados por Macedo na confecção de seu texto; por fim, procurará relacionar “O Ano Biográfico” com o Ensino de História então praticado, destacando a inserção de Joaquim Manoel de Macedo no âmbito do Colégio Pedro II.

- O projeto educativo de José Vasconcelos no México pós-revolucionário: nacionalismo e modernidade

Regina Crespo – UNAM – México- reginabras@yahoo.com.mx

Em junho de 1920, José Vasconcelos foi designado reitor da Universidade Nacional pelo presidente General Álvaro Obregón e, em outubro do ano seguinte, foi nomeado Ministro da Educação, posto que ocupou até julho de 1924. A partir de então, e com o apoio de um importante grupo de jovens estudantes e intelectuais, que conseguiu arregimentar, o

mexicano iniciou um ambicioso plano educativo e cultural no país, que envolveu campanhas de alfabetização, edição e distribuição de livros por todo o país, construção de bibliotecas e incentivo às artes. A proposta do presente trabalho é analisar se e de que maneira o plano vasconcelista constituiu um projeto de modernização do México e que lugar o nacionalismo ocupou dentro dele.

- La historia de América como campo de estudio: la propuesta del Instituto Panamericano de Geografía e Historia

Alexander Betancourt Mendieta – Univ. Autónoma de San Luís Potosí

alekosbe@uaslp.mx

Entre las décadas de 1930 y 1950 la producción del conocimiento en el ámbito de la historia enfrentó diferentes retos para dar los primeros pasos hacia la institucionalización y, con ella, establecer criterios mínimos de la profesionalización que tendría una importante eclosión en los años de 1960 en adelante. En este contexto, se encuentran las discusiones que se dieron en torno a la proposición para elaborar una historia general de América promovida por la Comisión de Historia del Instituto Panamericano de Geografía e Historia (1928). Esta discusión tuvo un interesante debate a partir de la propuesta de Herbert Eugene Bolton: “The Epic of Greater America” (1933) y la importante actividad editorial que representó el proyecto de la Revista de Historia de América de Silvio Zavala.

El trabajo describe cómo aquellos proyectos relacionados con la idea de elaborar una historia de América también alentaron algunas propuestas para implementar la enseñanza de la historia. Estas labores involucraron a diferentes tipos de individuos como el propio Zavala y Alfonso Reyes, entre otros, que forjaron, paulatinamente instituciones que terminaron por fomentar los estudios históricos y las publicaciones especializadas como El Colegio de México, que se constituyó en el inicio hacia la profesionalización de los saberes relacionados con las humanidades y las ciencias sociales.

-Mediações Transatlânticas na elaboração de uma identidade letrada no Brasil do segundo Império: o papel de D. Pedro II nos primórdios da diplomacia cultural brasileira.

Sergio Romanelli (UFSC-CNPq/ CAPES) -sergioroma70@gmail.com

Christiane Stallaert (Antwerp University, Belgium)- christiane.stallaert@uantwerpen.be

Nesta comunicação discutimos estratégias transatlânticas na elaboração de uma identidade nacional brasileira pelo imperador Dom Pedro II através das cartas trocadas com o Barão do Rio Branco, embaixador em Paris, na época da Exposição Universal de 1889. Os fluxos transatlânticos operam, no caso do Brasil, para a definição original e criativa de uma identidade nacional como espaço de mediação de dicotomias. As cartas revelam o papel de Dom Pedro como um dos agentes principais dos primórdios da diplomacia cultural brasileira no cenário europeu. Os documentos analisados são interpretados no contexto da sociologia da cultura e da circulação transnacional das ideias e dos produtos culturais. O objetivo central da política cultural transatlântica no final do Segundo Império é a elaboração de um capital “letrado” nacional, reconhecido internacionalmente.

-O papel social da educação na sociedade brasileira do século xx na visão de Paschoal Lemme e Anísio Teixeira

Adriana Moura – UFP - anairda.moura@gmail.com

O objetivo do presente artigo é refletir sobre o papel social da educação para a efetivação da democracia. Portanto, o artigo consiste em um debate acerca do que pensaram Paschoal Lemme (1904-1997) e Anísio Teixeira (1900-1971), dois intelectuais brasileiros

do início do século XX, sobre o papel social da educação na sociedade brasileira. A análise será feita a partir dos escritos e atuação dos educadores, com ênfase no pensamento político e filosófico distinto de cada educador. Enquanto Paschoal Lemme defendia uma concepção socialista de sociedade, fundamentado no modelo da União da República Socialista Soviética, Anísio Teixeira fundamentava sua ação no pensamento liberal pragmático defendido por John Dewey e implementado nos Estados Unidos da América. Epistemologicamente a análise se fundamenta na História Comparada, História Intelectual e na Nova História Cultural.

-Arthur Ramos no Rio de Janeiro de 1930: intelectual e poder

Adir da luz Almeida – UERJ/USP – adirluz@gmail.com

O trabalho problematiza a ação do médico-antropólogo Arthur Ramos, organizador da proposta de atuação do Serviço de Ortofrenia e Higiene Mental ao assumir a chefia do mesmo (1934-1939). Ramos (1903- 1949) vem ocupando um lugar importante na tessitura de pesquisas no campo da história da educação, ao articular áreas de conhecimento com destaque para a antropologia; tendo traçado uma cartografia educacional da gênese das questões relacionadas à precariedade das condições de vida dos brasileiros e às dificuldades de acesso à escola e a escolarização. Na complexidade do pensar, elegeu, como muitos intelectuais de então, a educação como vetor de modernização na “nação” e a cultura como mola propulsora da população, fatores de inclusão e ascensão social, considerando a escola como lugar estratégico para realizar este projeto. O conceito de “cultura” é central, pelas reflexões teóricas e ações de Ramos na capital da República, ao assumir a Seção de Ortofrenia e Higiene Mental (SOHM), do Instituto de Pesquisas Pedagógicas. Como construir a nação plena de modernidade e progresso, articulada ao mundo considerado moderno? A geração de intelectuais, com formações diversas, que se encontrou na Cidade do Rio de Janeiro, nos anos de 1930, tentou responder com ações práticas esta pergunta. Nas relações de poder estabelecidas então e nas redes de sociabilidade ocorrido na fervilhante conjuntura política da Capital da República é que vamos entender o projeto de Ramos, frente à Seção de Ortofrenia e Higiene Mental. Primeiro Serviço, desse tipo, levado dentro de escolas públicas. Uma ação, como ele mesmo define, eminentemente prática e para modificar práticas. Arthur vai cunhar a representação de criança-problema, dando ênfase à ótica ambientalista e culturalista, tendo no centro das preocupações a família e as condições de vida das mesmas. Busca atingi-las, chegar à comunidade, alavancando a concepção escolanovista de “civilizar” a população. Percebê-lo enquanto intelectual engajado, com contradições, preocupado com a profissionalização da antropologia enquanto ciência explicativa das mazelas nacionais, entrelaçando-a com outros saberes oriundos, principalmente, da Psicanálise e Psicologia Social. Pesquisar ações do SOHM utilizando as contribuições da micro-história italiana para analisar as fontes do Fundo Arthur Ramos da Biblioteca Nacional, contribui para percebermos a ousadia das propostas de ação, no seu tempo vivido.

-Três reformas de laicização do estado e da sociedade portuguesa na ação governativa de Afonso Costa (1911 e 1913)

*Jorge Pais de Sousa- Investigador do CEIS20 da Universidade de Coimbra-
jorgepaissousa@netcabo.pt*

Em dois governos diferentes que integrou, ou presidiu, Afonso Costa (1871-1937) introduziu na sociedade portuguesa um conjunto de reformas estruturantes e fraturantes, num espaço curto de dois anos, com vista à sua laicização e à criação de um Estado moderno.

Na qualidade de ministro da Justiça do Governo Provisório da República, começou por decretar no mês de fevereiro o registo civil obrigatório e, em abril de 1911, a lei de Separação do Estado das Igrejas. Estes decretos serão, posteriormente, retificados pela Assembleia Constituinte que originou a Constituição da República de 1911. Em julho de 1913 cria o Ministério da Instrução Pública, mas agora na qualidade de presidente do Governo.

Estes são três momentos distintos e decisivos, entre outros, dentro de um processo mais amplo que foi a realização de reformas tendentes à laicização do Estado e da sociedade portuguesas. Analisar a programática política que está subjacente ao teor destes diplomas, de forma a realizar estas reformas cruciais para um Estado moderno no Portugal do início do século XX, pelo também professor universitário de Organização Judiciária, é o objetivo central desta comunicação.



SIMPÓSIO Nº 2- LEITURAS SOBRE AS RELAÇÕES ENTRE OS PACTOS POLITICAMENTE CONSTRUÍDOS E A EXPERIÊNCIA VIVIDA NO MUNDO IBÉRICO.

Coordenadores:

Prof^ª Dr^a Ana Nemi- (Dept^o de História/ Universidade Federal de São Paulo- UNIFESP
ana.nemi@unifesp.br

Prof. Dr. Rafael Ruiz (Dept^o de história/ Universidade Federal de São Paulo- UNIFESP
rafarui@hotmail.com

O mundo moderno alterou os sentidos das soberanias pactuadas localmente que caracterizavam o mundo do Antigo Regime. As comunidades urbanas e rurais, as corporações de ofício e de religião, assim como as casas e famílias, com seus costumes e jurisdições próprios, que ofereciam identidade aos seus membros e aos seus lugares, foram, a partir dos séculos XVII e XVIII, sendo substituídos por novos princípios de legitimação da ordem social e política e por novas formas de sociabilidade emblemadas nas noções de soberania, igualdade perante a lei, propriedade privada, nação e indivíduo. Esses novos princípios enraizaram-se no século XIX e fundamentaram o mundo dos pactos políticos que conhecemos hoje. Trata-se, especialmente, de contestar os conteúdos de imutabilidade e sacralidade das instituições jurídicas, ideológicas e sociais do Antigo Regime e, neste sentido, de propor a possibilidade de elaboração de pactos políticos a partir de projetos fundados na ideia de soberania nacional. Os sentidos locais, costumeiros e sagrados de legitimação das instituições seriam substituídos pela definição da vontade soberana do conjunto da nação. Tal inflexão pode ser notada nas discussões que problematizavam sociedades inscritas em lugares e costumes específicos, em relação às definições de natureza humana fundada nas ideias de igualdade e de liberdade em seus sentidos universais.

Trata-se, no limite, da inscrição da noção de progresso na história dos povos e, por consequência, da proposição de processos de constitucionalização que, ao longo do século XIX, e assim até os dias de hoje, pretenderam estabelecer pactos que indicassem os caminhos de consecução do mundo ideal que se queria edificar. Se a liberdade era conteúdo da natureza humana, as normas, pactos e leis que definissem as possibilidades de vida dos homens, também deveriam ter sentidos universais. Neste novo mundo dos pactos e contratos no qual vivemos até **hoje**, não haveria espaço para probabilismos ou possibilidades, para circunstâncias concretas ou singularidades, a lei indicaria o caminho da experiência, de forma geral e universal, igual para todos.

Este simpósio pretende discutir as tensões resultantes dessas alterações, assim como diversas interpretações possíveis desse processo, em diferentes circunstâncias do mundo ibérico. Desta forma, o texto literário, o discurso político, a escrita em periódicos, os relatos e itinerários pessoais, entre a norma pactuada politicamente e a experiência vivida, poderão ser aqui abordados. Espera-se destacar a pluralidade de leituras e de interpretações das relações que se estabeleceram entre norma e experiência na modernidade ibérica.

-*"Richard Morse: a América entre a liberdade e o pacto".*

Beatriz Helena Domingues (UFJF) biahdomigues@gmail.com

Esta apresentação visa problematizar, a partir da obra do historiador norte-americano Richard Morse, uma tradicional associação entre a “liberdade” e a constituição de sociedades pelo chamado “Pacto Social”, tomando como parâmetro uma análise comparativa entre as Américas de colonização inglesa e ibérica durante o período colonial e no século XIX. A ideia é reverter a prática usual de tentar explicar, ou justificar, a história da América Ibérica pelo que ela carece quando comparada com a da Anglo-América. Pelo contrário, busca-se, na história norte-americana, possibilidades de adoção, em diferentes escalas, de referenciais originalmente formulados para explicar a história e a cultura política ibéricas. Ou seja, desassociar a ideia de liberdade da de pacto, através da comparação entre as Américas protestante e católica, atomista e tomista.

-Normas e experiências visuais e materiais no mundo ibérico: uma comparação entre Brasil e Filipinas.

Jens Baumgarten (UNIFESP) jens-baumgarten@uol.com.br

As normas estabelecidas sobre a produção e o uso das imagens desde as regras pós-tidentinos foram contestados no mundo ibérico. Isso se refere aos conceitos da idolatria e do iconoclasmo. Nesta palestra gostaria de analisar as relações entre Brasil colonial e Filipinas coloniais em diferentes patamares de compreensão conectando os sistemas Pacífico e Atlântico. O Colonialismo era profundamente “material”, os diferentes centros foram conectados mutuamente via um intercâmbio contínuo que engloba todas as formas diferentes de objetos. As experiências visuais e materiais devem ser analisados em relação aos discursos escritos. A perspectiva comparativa permite a possibilidade de considerar abordagens além do olhar do colonizador. Assim seria possível estabelecer critérios para uma comparação seguindo eixos temáticos como normas, experiências e práticas culturais. A compreensão das relações de encontros “barrocos” e “neobarrocos” pode ser utilizado de uma forma válida para uma história da arte que permite outros regimes de percepção de sociedades não-ocidentais a serem considerados.

-Sentimentos e conceitos ilustrados na São Paulo pombalina: literatura e teatro na Festa de Sant’Ana.

Marisa Saenz Leme (UNESP) saenzl@terra.com.br

Em agosto de 1770, vinte anos após assumir o governo de São Paulo __ em decorrência da recuperação da sua autonomia administrativa e nova ordenação da Capitania, em 1750_ o Morgado de Mateus realizou grande festa em homenagem a Sant’Anna, santa de sua devoção. Estendendo-se por nove dias, a festa desdobrou-se em dimensões variadas, religiosas e laicas. Entre os diversos acontecimentos então presenciados, realizou-se a “Academia dos Felizes”, primeiro evento literário da Capitania; por sua vez, houve apresentação teatral conduzida por elementos das elites locais. Em grande parte de teor laudatório ao Morgado, essas manifestações de cultura letrada, independentemente da sua qualidade artística, merecem ser analisadas no que delas se pode inferir a respeito dos entendimentos políticos da época, num contexto em que sentimentos e conceitos ilustrados se sobrepunham a concepções mais antigas de poder e autoridade.

-*A crise do império espanhol e a Revolução Inglesa.*

Jaime Fernando dos Santos Júnior (Prof. UFRGS) jafersantos@gmail.com

A Revolução Inglesa foi considerada por muitos historiadores como a primeira revolução moderna, em que novas classes passaram a governar, novos pactos foram instituídos e

novas expectativas foram descortinadas. No entanto, ampliando a lente para longe do âmbito nacional, o que pode cair em uma perspectiva da “peculiaridade dos ingleses”, seja por um viés progressista ou conservador, percebemos influências externas e que dialogam com as muitas insurreições que atingiram o Império espanhol durante os anos 1640.

As décadas que antecederam o meio século XVII foram um período de muitas revoltas por toda Europa, da guerra dos 30 anos à Guerra Civil na Inglaterra, que puseram em xeque as soberanias e hierarquias instituídas. Na Catalunha, em Nápoles, em Portugal, nos Países Baixos, rebeliões pulularam nas fronteiras do mundo espanhol, questionando o domínio de Felipe IV e seus vice-reis. No período, diversos relatos foram publicados, contando a história dessas insurreições. Desses, alguns foram traduzidos para o inglês, apresentando a um país que vivia uma guerra civil as consequências da alteração na ordem e uma nova palavra para descrever essas sublevações: revolução. Meu objetivo é analisar alguns desses relatos, refletindo como as insurreições do império espanhol foram descritas e influenciaram a Inglaterra revolucionária.

-Legislação indigenista amazônica e os meandros da justiça nas cartas e informações do Pe. Antônio Vieira.

Ludmila Gomides Freitas (UFU)- ludmilagomide@hotmail.com

A partir de escritos de Pe. Antônio Vieira (cartas, pareceres e informações), pretendemos analisar a aplicação da justiça no arbítrio sobre as guerras justas contra os índios na Amazônia portuguesa seiscentista. As fontes revelam a maneira pela qual os dispositivos legais eram transpostos à realidade social da colônia, evidenciando o caráter casuísta da justiça. Além disso, pretendemos demonstrar os conteúdos teológico-jurídicos expressos na legislação, bem como no discurso de Pe. Antônio Vieira, notadamente as referências ao pensamento do jesuíta Luís de Molina (1535-1600). Enfim, esta comunicação situa-se no contexto em que a justiça era informada pelos sentidos locais, costumeiros e probabilísticos que caracterizaram o ordenamento jurídico do Antigo Regime.

-Teologia moral e probabilismo versátil: as influências de um debate teológico na administração da justiça na América Moderna.

Rafael Ruiz (UNIFESP) rafarui@gmail.com

Durante os séculos XVII e XVIII houve um intenso debate, dentro do âmbito da teologia moral católica, envolvendo a questão do Probabilismo. A preocupação de alguns autores era de que essa doutrina moral estabelecia critérios pouco rígidos e demasiadamente benignos com relação aos crimes e pecados cometidos, de maneira que os juízes podiam, na opinião dos críticos dessa doutrina, julgar casos criminais de forma leniente.

O presente trabalho procurará dar conta de como a Teologia moral (por meio de um dos seus autores mais conhecidos, Hermann Busembaum, SJ, nascido em 1600 e morto em 1668, e autor de *Medulla theologiae moralis, facili ac perspicua metodológico resolvens casus conscientiae*, editado em 1645, e amplamente conhecido, traduzido e re-editado) influenciava a doutrina jurídica penal e podia facilitar um âmbito de clemência, tolerância e indulgência nas sentenças criminais da América.

Além da obra citada, será analisado também o trabalho de um dos seus maiores críticos, Angelo Franzoja, Professor e Doutor de Teologia na Universidade de Bolonha, autor de *Theologia Morum ab Herm. Busembaum, S.J. primum tradita*, editada em Bolonha, em 1760. Finalmente, procurarei mostrar, como exemplo, algumas sentenças prolatadas no período de 1730-1770, em Buenos Aires, onde se percebe como os fundamentos das sentenças seguiam essas categorias de clemência, tolerância e indulgência.

-Das capitanias às províncias: análise do estabelecimento da província como unidade político-administrativa do Império do Brasil (1820-1834).

Alexandre Mansur Barata (UFJF) ambarata05@gmail.com

A comunicação objetiva contribuir para o debate historiográfico acerca da construção do estado nacional brasileiro ao problematizar as relações entre as elites locais ou regionais e a autoridade monárquica, bem como o estabelecimento da província como unidade político-administrativa do Império do Brasil. A Carta Constitucional de 1824, nos seus dois primeiros artigos, definia que o Império do Brasil era a “a associação política de todos os cidadãos brasileiros” e que seu território era dividido em províncias na “forma” em que se achavam, as quais poderiam ser subdivididas, “como pedir o bem do Estado”. Apesar do texto constitucional deixar implícita certa continuidade com a situação anterior à Independência, o fato é que a denominação de província para as diversas partes do território era uma experiência bastante recente, que só poderá ser entendida se recuperarmos os debates travados no âmbito das Cortes Constituintes de 1821-22 em Lisboa e da Assembleia Constituinte de 1823 no Rio de Janeiro. De modo específico, a partir de um conjunto diversificado de fontes (imprensa periódica, manuscritos oficiais, correspondências, etc), busca-se compreender o funcionamento de dois espaços da organização político-administrativa provincial: o Conselho de Governo e o Conselho Geral da Província.

-Experiência e pacto na escrita da história peninsular: o tempo presente e a normatividade da política.

Ana Nemi (UNIFESP) ana.nemi@unifesp.br

Na escrita da história do tempo presente destaca-se o debate sobre seus marcos cronológicos em relação às definições e conteúdos do que se chama de contemporâneo. Tal debate reporta-se à escrita da história no século XIX quando, especialmente a partir das experiências revolucionárias, os historiadores consideraram que o presente não poderia ser objeto de suas pesquisas. Esta comunicação pretende discutir um dos conteúdos fundamentais deste debate: a sublimação da normatividade própria da política, com seus pactos e regras definidos conjunturalmente, e suas inflexões sobre a escrita da história. Para tanto, destacar-se-á a experiência da guerra peninsular e suas interpretações em duas conjunturas políticas contemporâneas, a saber, a guerra de 1870-71 e a redemocratização na primeira metade da década de 70 do século XX.

-Liberdade e hierarquia: as relações de poder e soberania em O bobo de Alexandre Herculano.

Larissa da Costa Oliveira (mestranda-UNIFESP) lla125@yahoo.com.br

Alexandre Herculano, historiador e escritor português, nasceu em 1810 e foi integrante assíduo nos movimentos políticos a favor da implantação do liberalismo em Portugal. Tendo diversos gêneros de escritos, especialmente seus escritos literários podem ser compreendidos como modos de divulgação tanto de conhecimentos gerais como de certas vertentes políticas visando instruir a população. Esta apresentação tem por foco um romance histórico de 1843, chamado O bobo, publicado em capítulos no periódico O Panorama. Seu tema é a tomada de poder realizada por Afonso Henriques contra a rainha, sua mãe, Dona Tereza e seu amante, conde da Trava, em 1128. A partir da relação mantida entre dois diferentes monarcas – o príncipe e o conde – no romance e seus súditos nobres, pretende-se compreender de que modo Herculano delineou a relação de hierarquia e soberania em O bobo. Pretende-se ainda compreender como isto dialogou com o tempo do autor e sua defesa política do liberalismo que se instaurava em Portugal uma vez que, a partir das ações de certos personagens, é possível ler a

construção de uma noção de pacto entre governante e governados baseada em uma nova lógica, da soberania recíproca.

-As Falas do Trono e a articulação político-institucional de um monarca constitucional para o nascente Império do Brasil (1823-1830).

Luís Henrique Junqueira de Almeida Rechdan (Prof.USP) luís.rechdan@usp.br

Após os acontecimentos político-institucionais de 1820-22, que culminaram com a aclamação, e posterior coroação, do príncipe dom Pedro como imperador do Brasil, houve ampla discussão sobre qual o papel a ser por ele desempenhado como um monarca constitucional no nascente império. A promulgação de um texto constitucional patrocinado pelo próprio imperador, em 1824, ao invés de solucionar a questão, tornou ainda mais acirrado o debate acerca das atribuições, dos limites e das responsabilidades de cada um dos poderes estatais delegados pela Nação. A criação de um poder moderador (aliado ao executivo), de forma a limitar a atuação do legislativo (forte nas experiências constitucionais de Cádiz e de Lisboa), não impediu os deputados e os senadores de questionarem as medidas adotadas pelo imperador à frente dos poderes que lhe foram reservados. Nesta comunicação, nosso intuito é discutir o quanto o imperador atuou diretamente sobre este debate por meio das Falas do Trono proferidas nas sessões imperiais de abertura e de encerramento da Assembleia Geral, ou seja, no único momento em que o texto constitucional lhe conferia o direito de se dirigir aos representantes eleitos da Nação e a estes a possibilidade de elaborar uma resposta e/ou voto de graças ao trono.

-A cidade em Romance – uma análise do Rio de Janeiro em transformação através do romance Clara dos Anjos, de Lima Barreto.

Rebeca Grilo de Sousa (UFRN) rebecagrilo.s@gmail.com

George Alexandre Ferreira Dantas (UFRN) georgeafdantas@hotmail.com

Entre rascunhos e a obra prima, Lima Barreto apresenta em seu romance Clara dos Anjos a perspectiva privilegiada da urbe carioca em transformação entre o ano dos seus primeiros esboços – de 1905 - e a versão publicada em 1922. Em meio à trama que envolve Clara dos Anjos - jovem mulata, pobre e moradora do subúrbio - e Cassy Jones – rapaz de classe média, sempre envolvido em confusões amorosas e trambiques -, nos interessa observar e discutir como Lima Barreto representou a espacialidade da cidade, vinculando-a diretamente com a configuração da sociedade carioca, indo além do questionamento sobre as relações sociais, do preconceito e do descaso do poder público sobre a infraestrutura da urbe. Dentre as características constantes nas duas versões é que, apesar da visão em tese limitada pela óptica do subúrbio – que o autor chamava de “a visão do Rio de Janeiro de cima do morro” - Barreto tinha uma percepção global da cidade e de suas adjacências, era um “flaneur com os pés de chumbo”. Reside nesta dupla perspectiva, construída em dois momentos, a maior riqueza deste texto que acompanha com discurso ácido a transformação da capital carioca durante e depois da reforma de Pereira Passos.

-O poeta e o jornal – favores e silêncios.

Wilton José Marques (UFSCar) will@ufscar.br

Levando-se em conta as peculiaridades que caracterizavam a lógica de exclusão da sociedade brasileira e seu restrito mundo do trabalho livre decorrente da realidade escravocrata, a obtenção de um primeiro emprego na imprensa, seja por afinidades políticas, seja por necessidades de sobrevivência, ou seja por ambas, era o caminho natural, ou melhor, era a principal e talvez única porta de entrada para os jovens

literatos que, em função da dinâmica social que regiam as conhecidas relações de favor, poderiam vir a construir promissoras relações pessoais e, por consequência, beneficiarem-se de futuras situações de apadrinhamentos políticos. Nesse sentido, a presente comunicação procura discutir o processo de inserção social do poeta Antônio Gonçalves Dias (1823-1864) na imprensa oitocentista brasileira e, mais notadamente, no jornal Correio Mercantil (1848-1868).



SIMPÓSIO Nº 3 - INTELLECTUAIS, CIÊNCIA E MODERNIDADE NO BRASIL (1870-1950)

Coordenadores:

Prof^a Dr^a –Karoline Carula (Depto de História/Universidade do Estado do Rio de Janeiro-UERJ/Universidade Salgado de Oliveira)

karolinecarula@yahoo.com.br

Prof. Dr. Rogério Monteiro de Siqueira

rogerioms@yahoo.com

Prof^a Dr^a Maria Leticia Corrêa (FFP/Universidade do Estado do Rio de Janeiro/UERJ)

leticiacorreia@globo.com

O simpósio visa reunir pesquisadores de diferentes instituições de ensino e pesquisa que se dediquem ao estudo das relações entre intelectuais, ciência e modernidade no Brasil, por meio do acolhimento de comunicações de pesquisas originais e contribuições teórico-metodológicas.

As discussões serão delimitadas pelo período de 1870 a 1950, no qual se assistiu à reinserção do país na modernidade capitalista associada ao importante conjunto de inovações científicas, técnicas e tecnológicas que caracterizou a chamada “Segunda Revolução Industrial” e também à continuidade do processo que deu forma aos diferentes campos das ciências humanas e sociais, através, sobretudo, do fortalecimento do debate em torno das correntes científicas.

Nesse contexto, intelectuais e políticos brasileiros voltados à reflexão sobre as bases da nacionalidade tiveram como inspiração a leitura e a apropriação de categorias e proposições enunciadas por autores vinculados ao evolucionismo e ao darwinismo social, ao positivismo de Augusto Comte e seus seguidores e às teorias raciais, entre outras correntes.

Serão privilegiados estudos tendo por objeto os processos de formação, as redes de interlocução e sociabilidade e os espaços e modos de atuação das diversas categorias de intelectuais que intervieram no debate sobre ciência – médicos, sanitaristas, engenheiros, urbanistas, geógrafos, historiadores, entre outros –, bem como as representações associadas às suas práticas e produção discursiva. Por fim, serão consideradas trajetórias de intelectuais que, por força de suas respectivas práticas e inserção no campo científico, se engajaram na formulação de políticas públicas e em movimentos políticos e sociais, colaborando na conformação de identidades profissionais, de classe e nacionais. Ressalta, nesse aspecto, a validade da discussão de contribuições teórico-metodológicas voltadas à análise do tema do engajamento e da atuação política dos intelectuais.

Serão privilegiadas as seguintes temáticas e problemáticas: 1. Questões teórico-metodológicas em torno da categoria de intelectuais; 2. Intelectuais, ciência e modernidade no Brasil; 3. Intelectuais, ciência e nação; 4. Pensamento social brasileiro; e 5. Intelectuais, modernidades e modernizações.

-Notas sobre a comunidade científica no Império: orientações do Ministro Luís Pedreira do Couto Ferraz para a expedição à Comissão Científica de Exploração ao Norte (1856-1861)

Débora El-Jaick Andrade ((UFF) debeljaick@gmail.com

Em meio à Reforma Pedreira (1854-57), que consistia em uma tentativa de modificar o cenário educacional e cultural do Império, implementada pelo ministro Luís Pedreira do Couto Ferraz, ocorreu a criação e a intervenção em várias instituições educacionais, como o Imperial Instituto dos Meninos Cegos, os cursos jurídicos, a Academia Militar, o Colégio Pedro II, o Conservatório de Música, a Academia Imperial de Belas Artes. Couto Ferraz constituiu comissões para pesquisa sobre sistemas de educação em “nações civilizadas européias” e para coletar documentos relativos à história do Brasil para procurar e explorar riquezas e conhecimentos no Norte do país.

Em 1856, nomeou uma comissão de engenheiros e naturalistas vinculados ao Instituto Histórico, que exploraria algumas das províncias menos conhecidas do Império, ao Norte, com a incumbência de formarem também para o Museu Nacional uma coleção de animais e minerais que “de tudo quanto pudesse servir de prova do estado de civilização industrial, usos e costumes dos nossos indígenas”. Dentre os membros nomeados para a Comissão Científica de Exploração estavam Gonçalves Dias, chefe da seção etnográfica, o Conselheiro Freire Alemão, Capanema, Giacomo Raja Gabaglia e Manuel Ferreira Lagos, este diretor da Seção de Zoologia do Museu Nacional. Em seu libreto “Instruções para a Comissão Científica encarregada de explorar o interior de algumas províncias do Brasil menos conhecidas” escrito em abril de 1857 e publicada em 1858, o ministro orientava as várias seções da Comissão, de botânica, geologia e mineralogia, zoologia, astronomia e geologia e etnografia e narrativa de viagem.

O objetivo deste artigo é analisar a nomeação da comissão e de seus objetivos no contexto das reformas e examinar, de forma privilegiada, este libreto para refletir sobre a configuração da comunidade científica e do saber erudito, assim como de seu significado político em meados do século XIX.

-As análises de Ladislau Netto no Museu Nacional sobre os negros (Rio de Janeiro, 1870-
Karoline Carula (-UERJ/UNIVERSO) karolinecarula@yahoo.com.br

O presente trabalho pretende analisar de que maneira Ladislau de Souza Mello Netto (1838-1894), diretor do Museu Nacional brasileiro, em fins do Oitocentos, abordou os negros em suas investigações científicas. Assim como os indígenas, a população negra foi foco de pesquisas científicas racializadas, as quais classificavam e naturalizavam os negros como inferiores aos brancos. Esta apregoada inferioridade do negro era comprovada por diversos métodos científicos, que iam das medidas do crânio até o grau de “civilização” de suas sociedades. Ladislau Netto assumiu a direção do Museu Nacional em 1875, porém já atuava como diretor da “Seção de Botânica e Agricultura” desde 1866 e como diretor interino desde 1872. Durante a sua administração, 1876 a 1893, o Museu passou por grande reforma, obtendo com isso maior amplitude nacional e internacional. Sua área de interesse, entretanto, ia além da botânica, também dedicou sua atenção aos estudos arqueológicos e antropológicos. Apesar de serem poucos os registros sobre os negros feitos por Ladislau Netto, quando comparados a sua produção acerca dos índios, pode-se observar que ao abordá-los ele também empregou uma argumentação racista, fundamentada em uma linguagem científica/cientificista. Os negros foram classificados como inferiores aos brancos, por serem “bárbaros” e “estúpidos”, por exemplo. Na concepção do diretor do Museu Nacional, as manifestações atávicas eram fundamentais para a compreensão da miscigenação das raças, mostrou-se favorável à mestiçagem, que traria benefícios aos negros, principalmente no correr das gerações. Para empreender tal

análise, como fonte principal é utilizada a produção científica de Ladislau Netto, em especial os seus artigos publicados na Revista da Exposição Antropológica (1882) e nos Archivos do Museu Nacional (1876-1885).

-Sobre as críticas aos textos científicos de Auguste Comte no Brasil do final do XIX e começo do XX: uma reinterpretação.

Rogério Monteiro de Siqueira (USP) rogerms@usp.br

No final do século XIX e começo do XX, alguns engenheiros e professores da Escola Politécnica do Rio de Janeiro teceram críticas aos textos Comtianos de matemática. Otto de Alencar, por exemplo, dedica dois artigos inteiramente à questão: “Alguns erros de Mathematica na Synthese Subjective de A. Comte” publicado na Revista da Escola Politécnica em 1898 e “Quelques erreurs de Comte” no Jornal de Sciencias Mathematicas, Physicas e Naturaes em 1901. Mas vamos encontrar discussões parecidas nos anos subsequentes em outros autores, como Amoroso Costa que proferiu críticas a Comte em seu discurso em homenagem à Otto de Alencar, no ano de sua morte. De maneira geral, a historiografia se divide em duas vertentes quando interpreta esses textos: Em alguns trabalhos sobre história da matemática no Brasil, verse-se-á um grupo de engenheiros interessados em ciências puras se opondo interiramente ao projeto Comtiano, e o positivismo seria a razão deletéria para a suposta ausência dessas ciências no solo brasileiro; Em outros, a explicação é quase oposta, ou seja, os cientistas da Velha República engajados com as ciências puras estavam na verdade totalmente imbuídos do ideário Comtiano, de progresso e cientificismo. Neste trabalho, propomos uma nova interpretação para as críticas ao positivismo que aparecem no final do XIX. Documentos encontrados no arquivo Benjamin Constant, no Rio de Janeiro, nos levam a concluir que as críticas são bastante anteriores a Otto de Alencar e Licínio Cardoso, nos anos 1899. Na verdade, em 1885, Benjamin Constant já as fizera. Tendo sido Otto de Alencar e Licínio Cardoso alunos politécnicos ligados a Benjamin, concluimos que a prática não era pontual. Além disso, que ela era feita por parte de positivistas, em geral ligados a Escola Politécnica do Rio de Janeiro. Nesse sentido, não haveria uma recusa radical ao positivismo pelos engenheiros-cientistas como a historiografia tem sinalizado. Ao contrário, eles apenas propunham uma leitura menos dogmática dos escritos Comtianos.

Posições de classe e condições de classe de Evaristo de Moraes e a Sociedade de Resistência dos Trabalhadores em Trapiche e Café na Modernidade Brasileira (1876 – 1908): a disputa pela hegemonia política na Primeira Republica

Eduardo Cesar Valuche Oliveira Brito ((Mestrando/ UERJ-FFP)

A Sociedade de Resistência dos Trabalhadores em Trapiche e Café foi uma associação representativa entre os trabalhadores tanto dos armazéns quanto dos trapiches, criando a união dos trabalhadores em café e trapiches em 1905 na região Portuária do Rio de Janeiro. Esta comunicação pretende analisar de forma integrada a história da Sociedade de Resistência dos Trabalhadores em Trapiche e Café com a atuação e os caminhos percorridos a partir de 1876 pelo intelectual e advogado da associação Evaristo de Moraes. De maneira fulcral, adotamos a perspectiva da teoria de Antonio Gramsci no conjunto da História Política, adotando por outro lado, uma perspectiva metodológica em torno dos conceitos de Pierre Bourdieu. Neste sentido, adotamos reflexões das condições e posições de classe de Evaristo de Moraes e a Sociedade de Resistência dos Trabalhadores em Trapiche e Café no período entre 1876 - 1908 e, portanto, caracterizando as diferentes posições ortodoxas e heterodoxas, tanto entre classes com posições distintas ou no seio das classes dominadas. Desta forma, entendemos as diferentes posições na passagem do século XIX e XX no Brasil num conjunto de disputas pela doxa ou pela hegemonia política na Primeira Republica Brasileira, isto é, por diferentes direções da modernidade no Brasil.

-Produção e circulação de opiniões francesas sobre o Brasil e os Estados independentes do Prata (1870-1891)

Claudio Antônio Santos Monteiro (FFP/UERJ) - claudioasmonteiro@gmail.com

Em meados do século XIX o processo de formação dos Estados independentes que fazem fronteira na região platina com o Império do Brasil atraiu a atenção de um diversificado grupo de observadores franceses. Diplomatas, publicistas e acadêmicos movidos por interesses diversos registraram em correspondências, em livros e em jornais diferentes opiniões sobre o passado, o presente vivido e o futuro da região. Mais que um simples tipo de olhar esses observadores são por nós considerados como agentes capazes de interferência no jogo geopolítico que envolveu a formação e a consolidação dos diferentes Estados platinos. Nessa perspectiva, nosso objetivo, na presente comunicação, é analisar a importância da produção e da circulação de ideias sobre o Império do Brasil na França entre o Segundo Império napoleônico e as duas primeiras décadas da Terceira República.

-A trajetória intelectual de Carlos Sampaio (1861 – 1930): progresso e modernidade na Primeira República

Adauto Tavares Araujo (Mestrando/FFP-UERJ) adautohist@gmail.com

O presente trabalho tem por objetivo apresentar a trajetória intelectual de Carlos Sampaio (1861 – 1930), engenheiro formado na Escola Politécnica do Rio de Janeiro em 1875 que alcançou atuação de destaque nos debates sobre as reformas urbanas na capital republicana. Participando de empreendimentos que tinham por objetivo sintonizar o Brasil com o ideal de modernidade das primeiras décadas do século XX, Sampaio produziu um conjunto de textos que, mobilizando os conceitos de salubridade e embelezamento, se caracterizavam pela defesa da entrada de capital estrangeiro para financiar as obras de remodelação urbana. Convidado para assumir a prefeitura do Distrito Federal, em 1920, realizou uma série de obras de melhoramentos que, segundo a sua interpretação, tinham por objetivo contribuir para o progresso material do país. Engenheiro e empresário atuou como elo entre os governantes e os investidores estrangeiros interessados em ampliar a sua presença em mercados emergentes, como era o caso da capital da república no período.

-“Entre a cruz e a caldeirinha” – intelectuais católicos, entre a ciência e a política na fundação da nação brasileira

Marcia Regina da Silva Ramos Carneiro (-UFF) marciarrcarneiro@hotmail.com

No início do século XX, associações políticas, culturais e científicas organizaram-se no meio católico, tendo como parâmetro as linhas de pensamento e organização social definidas pelas Encíclicas Rerum Novarum e Quadragesimo Anno. Neste contexto, formaram-se dois movimentos que tinham pontos em comum, mas que divergiam radicalmente, em outros: A Ação Católica e a Ação Integralista Brasileira. Este trabalho buscará analisar as argumentações dos intelectuais envolvidos nestes movimentos, quanto a relação que estes desenvolviam com a Ciência e a Política, norteadas pelas indicações vindas da Igreja ou mesmo de uma cultura católica compartilhada entre os fiéis em tempos de ascensão dos fascismos na Europa.

-O campo intelectual carioca: histórias, memórias, trajetórias e sociabilidades em inícios do século XX

Magali Gouveia Engel (- UERJ) magaligengel@gmail.com

O presente trabalho tem como objetivo central reconstituir e analisar as redes e os espaços de sociabilidade que marcaram as trajetórias intelectuais de importantes cronistas da imprensa carioca (entre os quais Julia Lopes de Almeida, Coelho Netto, Olavo Bilac, João do Rio, Lima Barreto). Os intelectuais selecionados constituem um grupo heterogêneo que, pertencendo a gerações cronológicas distintas, colaboraram ativamente na imprensa carioca do período como articulistas e cronistas, abordando, entre outros, vários temas relacionados ao cotidiano da capital republicana. Muitos fizeram da cidade do Rio objeto privilegiado de seus registros cronísticos. Embora os caminhos trilhados por grande parte deles nos âmbitos profissional e pessoal tenham se cruzado de forma mais ou menos frequente, é possível reconstituirmos, através de suas trajetórias intelectuais, diferentes redes de sociabilidade tecidas a partir de inserções em espaços de convivência públicos e privados diferenciados entre si. Buscando romper com uma perspectiva fragmentada das relações desses escritores com outros grupos e sujeitos, proponho aqui esboçar as redes de interlocuções, onde se evidenciam as divergências e as convergências entre as concepções e as práticas dos referidos atores que as integraram em inícios do século

-Euclides da Cunha e a missão republicana no Brasil de fins do século XIX

Ester Sanches Ribeiro (Mestranda- USP) esterletras@yahoo.com.br

Euclides da Cunha figura na cultura brasileira como uma importante personagem por conta da epopeia, Os sertões, resultado de pesquisas acerca da terra e do homem dos sertões, além da narrativa da “Guerra de Canudos”. Nesse contexto, os “canudenses” eram considerados, nos discursos circulantes, como retrógrados, incivilizados, místicos e rebeldes. Assim como a intelectualidade da época, Euclides se posicionou, contrariamente, aos “canudenses” e apresentou uma face sombria dos sertanejos, a partir de teorias científicas que se baseavam em conceitos positivistas e evolucionistas. Os republicanos da época que se orientavam pelos princípios científicos, geralmente, entendiam a República e a ciência como a salvação do Brasil da desordem e do retrocesso; eram “missionários” civilizadores que possuíam o dever de proteger a nação, eliminando ou incorporando os bárbaros à civilização brasileira. Interessa-nos propor um estudo da formação desses intelectuais republicanos, em especial Euclides da Cunha, pois entendemos que foi na formação deles que foram incorporados os valores e os ideais que orientavam seus discursos e conduta. Nossos objetivos são: apresentar o ideal republicano, os ideais científicos (positivismo e evolucionismos) e apresentar a trajetória de Euclides da Cunha.

-A Revolução como Método: Azevedo Amaral e a modernização brasileira através do aparelho administrativo do Estado

Tamyres Ravache Alves de Marco (Doutoranda IEPES/UERJ)
tamyresravache@ymail.com

A década de 30, no Brasil, foi marcada pelo entusiasmo político de sua elite intelectual. Um rico conjunto de ideias voltado à compreensão da realidade nacional e à construção do seu futuro envolvia o debate político brasileiro. Com o advento de um paradigma cultural-nacionalista no período entre guerras, acompanhado de uma forte crítica aos pressupostos universalistas europeus, a complexidade do tecido social urbano e a ascensão de novas gerações da elite e da classe média se tornaram a realidade que batia à porta do Brasil enfatizando a necessidade de sua definição no processo de modernização mundial a partir de suas próprias formulações teóricas. Questões referentes à cultura, política e desenvolvimento econômico foram exaustivamente discutidas, entretanto, a escolha dos métodos e das técnicas a serem adotadas era a evidência do descompasso teórico entre os seus intelectuais.

Esta comunicação tem por objetivo apresentar a teoria de um dos principais intelectuais brasileiros do período, o jornalista e intelectual Azevedo Amaral. Inspirando-se em alguns elementos da Revolução Russa, Amaral teorizou a modernização através do fortalecimento do aparelho administrativo do Estado. Fora do cosmopolitismo europeu, este jornalista representou uma mudança importante no modo de conceber a posição e a produção intelectual dos países periféricos no mundo.

-Universidades na modernização do Distrito Federal

Luitgarde Oliveira Cavalcanti Barros (UFRJ/UERJ) luitgarde@globoblog.com

Desde o segundo reinado enviaram-se projetos de criação de Universidade no Brasil, vetados pelo legislativo, mantendo analfabeta a maioria da população. As primeiras instituições de ensino superior, tardiamente, foram criadas por D. João VI, chegando à Bahia em 1808 - Faculdade de Medicina. No Rio de Janeiro, instalando a Corte, organizou as Faculdades de Medicina, Direito, Engenharia Militar, Belas Artes, Música, Jardim Botânico, Biblioteca Nacional etc. Em 1922 formalmente é criada a Universidade do Rio de Janeiro, conferindo o título de Doutor Honoris Causa ao rei da Bélgica, no centenário da independência do Brasil. Somente com a “arrancada modernizadora” do país Pós Revolução de 30, havia uma arregimentação de intelectuais – médicos, engenheiros e advogados, na Academia de Ciências, discutindo a criação de Universidades para, através da Educação, com as Ciências Humanas, erradicar a mentalidade colonial. A industrialização exige a criação da Universidade de São Paulo (1934) e UDF (1935). Pesquiso a atuação dos médicos nessa modernização, no Distrito Federal.

-História intelectual e história comparada: epistemologias possíveis para o estudo dos pensamentos de Paschoal Lemme e Anísio Teixeira acerca da relação entre educação e democracia

Adriana Dias de Moura ((Mestranda UFP) anairda.moura@gmail.com

O objetivo deste artigo é refletir sobre a possibilidade epistemológica e metodológica de pesquisa acerca do que pensaram Paschoal Lemme (1904-1997) e Anísio Teixeira (1900-1971) sobre a relação entre educação e democracia. Considerando que se trata de um estudo situado no campo da História da Educação, a proposta articula uma análise epistemológica a partir da História Comparada, tendo como domínio temático a História Intelectual e dentro da dimensão da Nova História Cultural. A História Comparada propicia uma reflexão atenta às semelhanças e diferenças do objeto, possibilitando a busca pelo novo, o que ainda não foi discutido de objetos já estudados pela história tradicional. É um caminho propício para ‘repensar a história’ e rediscutir o conhecimento já cristalizado, numa aproximação entre passado e presente. A História Intelectual, por sua vez, possibilita o estudo das diferentes questões que compõem, na interseção de várias dimensões, um texto ou um sistema de pensamento. Nesse estudo, a estrutura macro e micro da construção do pensamento de Paschoal Lemme e Anísio Teixeira. A Nova História Cultural possibilita um olhar da/na história a partir de evidências, do contexto em que foi escrito os livros dos educadores, considerando os movimentos individuais e coletivos de cada educador.

-Uma psiquiatria para além dos muros do hospício: a trajetória de Waldemiro Pires como diretor da Assistência a Psicopatas do Distrito Federal (1930-38)

Giulia Engel Accorsi (Mestre pela Fundação Oswaldo Cruz) gengelaccorsi@gmail.com

O presente trabalho analisa a trajetória do médico psiquiatra Waldemiro Pires Ferreira entre 1930 e 1938, momento em que o Hospício Nacional de Alienados era palco de acaloradas discussões sobre o papel da psiquiatria – e dos psiquiatras – no processo de construção do Brasil enquanto nação. Membro assíduo das reuniões da Sociedade, o doutor paraibano construiu uma carreira marcada não somente pelo entusiasmo acadêmico – Pires desenvolveu pesquisas no âmbito dos tratamentos para formas avançadas de sífilis – mas também por notável atuação política. Em 1930, o psiquiatra foi nomeado novo diretor da Assistência a Psicopatas, permanecendo no cargo até 1932, e dois anos mais tarde assumindo um novo mandato que durou mais quatro anos, até 1938. Durante seus períodos como diretor, Pires parece ter conquistado grande influência, levantando recursos concedidos pelo governo federal e por entidades internacionais para fomentar obras e melhorias nas dependências da APDF. Apesar de substituto imediato de Julianio Moreira, pouco se sabe e se refletiu sobre o caminho trilhado por Pires em seus anos como diretor da Assistência. Dessa forma, esta pesquisa procura levantar algumas considerações sobre o papel do médico na consolidação da aspiração psiquiátrica de projetar a especialidade para além dos muros do hospício.

-Filosofia para pensar a nação? Intelectuais, cultura e política na América Latina de meados do XX

Francini Venâncio de Oliveira (Pós-Doutorado IESP-UERJ)

francinivenanciodeoliveira@gmail.com

Este trabalho visa apresentar e discutir um conjunto de ideias elaborado por um grupo de intelectuais latino-americanos na década de 1940 e do qual fez parte João Cruz Costa, filósofo paulista e um dos raros brasileiros a se envolver com os projetos desse grupo e a estabelecer, ao longo de sua trajetória, um diálogo com intelectuais tais como Leopoldo Zea, Francisco Romero, Arturo Ardao, entre outros. O objetivo desta comunicação é, pois, apresentar e discutir conceitos-chaves que direcionaram a ação desses intelectuais de modo a situar e a contextualizar “temas” da filosofia na América, mas não só: espera-se gerar e estimular um debate sobre os problemas e, ainda, sobre as possibilidades de construção de um pensamento filosófico culturalmente enraizado e ancorado sobremaneira na história social e política da América Latina – história essa que não se separa da questão da identidade de nossos países, tampouco da formação dos nossos estados nacionais.



SIMPÓSIO n° 4- A ARQUITETURA ENTRE A TRADIÇÃO E A MODERNIDADE NO MUNDO IBERO-AMERICANO.

Coordenadores:

Prof. Dr. João Henrique dos Santos –Departamento de História e Teoria da Faculdade de Arquitetura da UFRJ.

joaohenrique@fau.ufrj.br

Profª Drª Maria Clara Amado Martins –Departamento de História e Teoria da Faculdade de Arquitetura da UFRJ.

mariaclaraamado@gmail.com

As fortes tensões entre a tradição e a modernidade, suas continuidades e rupturas, manifestaram-se de forma bastante forte no campo arquitetônico. De modo especial, do meio-oeste dos EUA à América do Sul, buscava-se uma definição de identidade nacional, ora voltando-se ao passado colonial, ora rompendo com ele. Antecede o momento do nascimento do modernismo e do movimento moderno. Também na Península Ibérica, as crises políticas foram pano de fundo para a manifestação dessas tensões entre tradição e modernidade.

- O quartinho e a tradição

Edite Galote Carranza– (PPG/ UST) -edite.galote.carranza@arquitetonica.com

prof.ecarranza@usjt.br

Este trabalho foi escrito, originalmente, para a disciplina de Carlos Lemos, “Programa da Casa Brasileira”, FAU-USP, 1996, e surgiu a partir do tema proposto pelo professor: “Evolução dos dormitórios e banheiros de criados na cidade de São Paulo”. O tema, preterido pelos alunos regulares, restou para ser desenvolvido por esta autora, então aluna especial daquele curso.

A pesquisa de 1996 demonstrou que o tema não é menos importante para História da Arquitetura, ao contrário, revelou concepções genuínas de nossa cultura arquitetônica, tais como: edículas nos fundos dos terrenos, quatinhos de criada junto às lavanderias e o duplo acesso – social e serviço, dos edifícios residenciais. Tais soluções arquitetônicas, que procuraram equacionar o “problema” do programa de necessidades da moradia, foram transmitidas de geração em geração, caracterizando uma tradição do morar, que resistiu às transformações socioculturais e, até mesmo, às inovações programáticas e plásticas do Movimento Moderno.

O presente trabalho tem como objetivo rever aquela pesquisa e analisar as soluções arquitetônicas para os aposentos e circulações dos criados, no decorrer da História da Arquitetura Paulista, para constatar como a tradição se consolidou e iluminar uma discussão atual: se tal tradição sofrerá algum impacto a partir da recente Lei dos trabalhadores domésticos.

-Patrimônio Arquitetônico e Instalações Olímpicas Rio 2016

Niuxa Dias Drago (DHT/FAU/UFRJ) niuxadrigo@gmail.com e Thalita Pereira da Fonseca (DHT/FAU/UFRJ) tpfonseca@globoblog.com -

Sede das Olimpíadas 2016, a cidade do Rio de Janeiro foi zoneada em quatro núcleos geográficos pelo Comitê Olímpico Brasileiro para receber as instalações esportivas. Esse artigo pretende avaliar o impacto destas no patrimônio natural e construído da cidade, que conta com total de dezoito equipamentos novos, provisórios ou adaptados, dos quais pelo menos seis são acusados de degradar bens patrimoniais protegidos em alguma instância federativa do Brasil (seja União, Estado ou Município). Serão examinados mais especificamente os casos do Patrimônio Arquitetônico que receberam maior atenção da sociedade civil e das mídias, tais como o antigo Museu do Índio e as Cavalariças Imperiais (no entorno do Maracanã), o Estádio de Remo da Lagoa, e a Marina da Glória, parte do sítio tombado do Aterro do Flamengo. Visto tratar-se de processo em andamento, as fontes utilizadas são artigos acadêmicos recentes, documentos divulgados por associações civis e desportivas, além de notícias em periódicos e processos judiciais. Os levantamentos permitem concluir que as questões imobiliárias e políticas permanecem sendo determinantes na execução das obras, que raramente se cumprem segundo projeto inicial apresentado, e ignoram em boa parte as propostas dos grupos civis envolvidos no legado esportivo e os pareceres dos conselhos patrimoniais.

-Preservação de Patrimônio x Propriedade Privada: as APACs no Rio de Janeiro

Cristina Grafanassi Tranjan (EBA/CLA/UFRJ)- crisqtranjan@globoblog.com

Este ensaio pretende abordar os impactos da legislação referente às APACs – Áreas de Proteção do Ambiente Cultural, na cidade do Rio de Janeiro, em particular, nos bairros da Zona Sul da cidade. Amparada na Lei Complementar 16/1992, do Plano Diretor Decenal, a Prefeitura buscou, com a delimitação das APACs, preservar não só prédios que “contam” a história da cidade, e cujo valor arquitetônico é inquestionável, mas também construções que são enxergadas como “conjuntos urbanos representativos das diversas fases de ocupação de nossa história”

<http://www.rio.rj.gov.br/patrimonio/apac.shtm>).

A ideia de que apenas imóveis antigos devem ser preservados esbarra na importância de bens tais como Brasília, Pampulha e o Masp, por exemplo. Esse argumento de longevidade arquitetônica foi usado por proprietários de imóveis escolhidos para serem “apacados” em certos bairros do Rio de Janeiro. Uma vez que os imóveis inseridos nas APACs não podem ser demolidos ou ter sua fachada alterada, tornou-se impossível a esses proprietários os utilizarem para fins de especulação imobiliária. Assim, instalou-se a crise entre esses e a prefeitura. E surgiu a discussão sobre valor arquitetônico, direito de propriedade, antigo e moderno. A preservação de bens traz no seu bojo, a preservação da história da ocupação urbana e da formação da identidade cultural de uma região. Mas no caso da propriedade privada, traz também uma crise entre poder público e proprietários urbanos.

-Arquitetura de massa e Identidade Nacional

Silvana Castro Nicolli (Doutorado/PUC-Rio e FAU-UFRJ)- silvana.nicolli@gmail.com

A tensão entre tradição e modernidade perpassa o debate sobre a identidade sul-americana na arquitetura, mesmo após o reconhecimento internacional de uma escola brasileira moderna nos anos 1940. Críticos e arquitetos se dividiam entre a defesa da suposta originalidade desta vertente corbusiana “plástico-formalista” e a acusação dela tentar copiar a linguagem dos países desenvolvidos, através do uso abusivo da alta

tecnologia. A verdadeira arquitetura brasileira deveria se inspirar no vernáculo local, tal como as ocas dos índios, ou as favelas. Para o historiador Giulio Argan, a arquitetura moderna brasileira vinha se desenvolvendo “de cima para baixo”, dos edifícios representativos para a habitação popular, ou seja, num sentido inverso à demanda social, que era a premissa deste movimento. Para a arquiteta Lina Bo Bardi, esta disputa entre modernidade e tradição deveria ser resolvida à luz dos “valores humanísticos”, que também moviam a arquitetura racionalista corbusiana. Esses valores explicariam as nuances aparentemente contraditórias da arquitetura brasileira, que não poderiam ser explicadas sem levar em consideração os “fatores de formação cultural”, mas também as instáveis condições econômica, política e social do país. A arquitetura moderna brasileira de fato não deveria ser uma expressão “técnico-folclórica”, mas sim a afirmação da autonomia humana frente à “arquitetura da nova era eletrônica e da verdadeira civilização de massa”.

-“El jardín de los senderos que se bifurcan”. Tradición y Modernidad en la arquitectura argentina 1929-1956/ 1930-1955

Fernando Martínez Nespral- (FADU/ UBA) -fmnespral@gmail.com

Elegimos usar para este trabajo el bello título del cuento de Borges pues como el mismo nos dice remite a “...infinitas series de tiempos, en una red creciente y vertiginosa de tiempos divergentes, convergentes y paralelos. Esa trama de tiempos que se aproximan, se bifurcan, se cortan o que secularmente se ignoran...” y dicha idea expresa acabadamente el delicado juego de transiciones, cruzamientos, inflexiones y reflexiones, distancias y proximidades que definen el binomio “Tradición y Modernidad” en la arquitectura argentina del período tratado.

A lo largo de los últimos años hemos investigado la obra de diversos arquitectos de entonces como: León Dourge, Martín Noel, Angel Guido y Héctor Morixe y todos ellos tienen una relación no lineal sino caracterizada por simultaneidades y cruzamientos diversos entre una formación academicista, las propuestas neohispanistas o “neocoloniales” concebidas como una alternativa regional y la estética moderna.

El objetivo de este trabajo será pues, como se recomienda en todo laberinto, hallar un hilo que nos permita transitar sus intrincados senderos y llegar a destino comprendiendo su trama.

-Wladimir Alves de Souza: o arquiteto entre a tradição e a modernidade. *Brasil e Portugal*
Maria Clara Amado Martins -(FAU-UFRJ) mariaclaraamado@gmail.com

A arquitetura moderna no Brasil foi marcada por nomes emblemáticos que conseguiram estabelecer o diálogo com o passado sem abrir mão dos novos preceitos internacionais que surgiram no limiar do século XX. Eram tempos em que a Academia dividia-se entre a defesa do ensino projetual vinculado às correntes europeias anteriores e o aprendizado da construção de novos espaços que convergiam para a nova sociedade política brasileira emergente. O arquiteto Wladimir Alves de Souza (1908-1994) tem um papel especial neste momento por sua vinculação ao ensino como Professor da Universidade do Brasil no Rio de Janeiro e arquiteto atuante no cenário nacional. Ao vivenciar na vida acadêmica e na vida profissional as tensões e a dicotomia da passagem entre a tradição e o moderno, Wladimir se depara com a relação entre arquitetura e política no Brasil. Este trabalho pretende abordar estas questões, e também apresentar a importância deste Professor que ultrapassou as fronteiras da América e foi à Portugal apresentar a arquitetura brasileira através de uma grande exposição nacional. Sem traçar paralelos, mas aquele país apresentava também um processo de transição política que o colocava, naquele momento, receptivo à arquitetura brasileira e seus possíveis desdobramentos em Portugal. Assim, ao falar do importante papel cultural de Wladimir Alves de Souza, este

trabalho vislumbrará uma reflexão entre as relações políticas e sua transversalidade com a arquitetura nestes dois países.

-A arquitetura brasileira entre o passado e o futuro

Marcelo da Rocha Silveira (EBA/UFRJ) mrsilveira@ibest.com.br

Os trabalhos do engenheiro português Ricardo Severo foram relacionados às questões teóricas de cunho nacionalista, que procuravam valorizar o passado lusitano, repensando a arquitetura e provendo-a de uma raiz de base luso-brasileira, valorizando assim sua melhor adequação ao meio e à própria cultura nacional. Sua obra teórica abriu caminho para diversos outros arquitetos e pensadores no início de século XX alinhados com a proposta de uma arquitetura nacionalista. Nessa época, passa a haver no Brasil uma busca por uma arquitetura que estabelecesse uma melhor relação com a época e a cultura em que estavam inseridas. Essa atitude abriu uma nova era quando se descortinou um mundo que se propunha fundamentalmente moderno. Tal projeto moderno na arquitetura vai incitar, nos anos de 1920, uma polarização teórica onde as figuras de José Marianno Filho e Gregori Warchavchik terão papel preponderante. Em ambos os casos, havia uma profunda vontade de reavaliar o que até então vinha sendo feito e lançar o Brasil para novas perspectivas futuras, em um mundo moderno que se descortinava de modo radical. Uma vocação que talvez o Brasil já alimentasse desde seu nascimento, mas agora se descortinava de modo inexorável.

-Entre as palmeiras, à sombra do alpendre: A arquitetura brasileira na obra de William Burchell

Barbara Gondim Lambert Moreira –(Mestranda/UFRN)

barbara_lambert_moreira@hotmail.com e George Alexandre Ferreira Dantas- FAU/UFRN).

Os processos de modernização engendrados a partir do final do século XIX encontrariam na conformação urbana e no campo arquitetônico brasileiro importante palco para sua manifestação; a cidade mostrar-se-ia um mosaico de temporalidades estilísticas, de facetas modernas e coloniais e suas descrições prestar-se-iam, inclusive, como auxiliadoras na formulação de um imaginário coletivo de uma nação recém-criada. A representação de uma arquitetura pitoresca e tropical foi um importante aporte aos discursos de caracterização da urbe brasileira ao longo da historiografia urbana, construído a partir de um processo de transculturação alimentado, sobretudo, pelos relatos de viajantes estrangeiros, importantes ao propósito de legitimação e de justificativa de diversos discursos de remodelamento das antigas cidades e da construção de novos núcleos. A figura do viajante William Burchell destaca-se por iluminar aspectos sombreados em outras descrições. Em meio a um corpus iconográfico homogeneizador, a obra do viajante permite-nos problematizar especificidades ao registrar as diversas soluções construtivas ao longo de seu percurso: Na inserção da matriz tipológica bandeirista nas paragens paulistas, ao desenhar as casas ribeirinhas goianas e identificar a herança indígena nas construções coloniais paraenses, a produção burchelliana avança acima dos lugares-comuns do imaginário sobre a cidade brasileira oitocentista em iminente modernização.

-José Manuel de Carvalho e Negreiros e a importância dos arquitetos civis serem científicos

Paulo Assunção – (EHES/USP- Pós Doc- UEM) assuncao@prestonet.com.br

Esta comunicação centra seu objetivo na construção do saber na área da arquitetura e urbanismo durante o Iluminismo em Portugal e na discussão no Brasil, tendo como intenção analisar a obra de José Manuel Carvalho e Negreiros (1752-1815), Jornada pelo

Tejo - Dividida em doze dias, em cada um dos quais se tratam diversas matérias concernentes à Arquitetura Civil e seus pertences, texto manuscrito e inédito escrito em 1793. Este texto, quase desconhecido, é pouco estudado pelos pesquisadores da área de arquitetura e urbanismo e por historiadores que discutem as questões urbanas. Este momento é marcado por uma efervescência de ideias que trariam transformações para a humanidade, expressas no Iluminismo. O progresso científico e os questionamentos sociais empreenderam diferentes revoluções que afetaram a humanidade e seus valores; incentivaram indagações sobre a construção civil em Portugal e a ocupação do espaço. No texto de Negreiros é possível observar a necessidade de racionalização das construções adequando-as à sua utilização, tendo em conta a relação público e privado. Os edifícios deveriam ser concebidos de forma a atender aos clientes e também aos desejos da monarquia quanto à ordenação urbana e ao crescimento material e econômico da nação.

-Modernidade e Tradição no espaço público da cidade de Quito ao inícios do século XX: de praças coloniais a praças da independência.

Alexandra Kennedy Troya. Universidad de Cuenca. Ecuador e María Rosa Zambrano Torres. Investigadora independiente. - mariarosa_zt196@hotmail.com

No contexto das celebrações centenárias independentistas, liberais e conservadores – principais grupos de poder do momento – articularam discursos sobre as noções de “tradição” e “modernidade” a partir da metáfora de “nação centenária” acordes a suas respectivas ideologias políticas. Se para os liberais a “modernização” da nação estava ligada à secularização estatal, para os conservadores hispanistas recaía na preservação do legado hispano que, no espaço urbano, estava representado nos monumentos arquitetônicos civis e religiosos do período colonial.

Esta pesquisa analisa a maneira como foram utilizadas as praças coloniais de Quito, espaços públicos mais representativos da cidade, na criação de um imaginário de “nação moderna” a partir da implementação de uma série de reformas urbanas e de ornamentos que foram realizados naqueles anos nas principais praças coloniais. Como objetos de estudo têm-se as representações fotográficas que circularam no centenário do Primeiro Grito da Independência e no centenário da Batalha de Pichincha, os álbuns Quito a la vista (1908) e A monografía Ilustrada de la Provincia de Pichincha (1922); o plano de Quito de Ribadeneira e Herrera (1922) e, em paralelo, as discussões do conselho municipal registradas nas Gacetas Municipales e nas Actas del Cabildo.

-O Pátio na Arquitetura: da tradição à modernidade

Helenita Bueno Gonzalez (DHT/FAU/UFRJ)-helenita.bueno@yahoo.com.br e Juliana Meirelles Guerra (DHT/FAU/UFRJ) arq.jmguerra@gmail.com

O pátio como espaço arquitetônico visto através de uma investigação do passado recente, como promotor do ambiente e articulação entre lugares, tem estabelecido uma variedade de dimensões que caracterizam a compreensão do fenômeno arquitetural. Com relação a ambiência, Jorge Machado Moreira argumenta “Proponho-me com a ambiência da obra projetada a sua significação no contexto em que está inserida ...”. Neste sentido, o pátio como espaço arquitetônico cria uma dimensão que vai além de suas dimensões geométricas, ampliando a participação do espaço para além de sua morfologia. Sob este aspecto, analisaremos algumas habitações unifamiliares na década de 30, como exemplares da arquitetura moderna no Brasil, a fim de buscar este sentido da ambiência e articulação da arquitetura moderna na promoção de lugares, na produção de uma estética de continuidade do espaço, na construção do *genius loci* e na história da significação de lugar. A variação poética da articulação através do pátio, passa por subjetividades essencialmente conceituais no campo da inovação, da ambiência, da

interpretação individual e coletiva estimulada por emoções, como parte do fenômeno poético da linguagem da arquitetura.

-Um pedaço de Paris nos trópicos: o Theatro Municipal do Rio de Janeiro

João Henrique dos Santos- (FAU/UFRJ) joaohenrique@fau.ufrj.br

Inaugurado em 14 de julho de 1909 – não por acaso a mesma data da celebração dos 120 anos da queda da Bastilha – o Theatro Municipal do Rio de Janeiro constitui-se em um marco para a vida cultural da Cidade. A data de inauguração marcou a afinidade entre o Rio de Janeiro e Paris, a cidade com a qual a então capital do Brasil tinha a maior identificação cultural, que não advinha da República, mas, mais imediatamente, do Segundo Reinado, tendo raízes mais remotas na vinda da Missão Artística Francesa, no ocaso do período colonial. A grande reforma urbana de Paris, conduzida por Haussmann nas décadas de 1850 e 1860, influenciou o Rio de Janeiro no início do século XX no seu reordenamento urbanístico e também nos estilos arquitetônicos. Daí não ser surpreendente que o Theatro Municipal fosse inteiramente baseado no Théâtre de l'Opéra de Paris, projetado por Garnier. Os antecedentes da busca do Rio de Janeiro por um teatro remontam a 1767, quatro anos após a transferência da Capital do Brasil Colonial de Salvador para o Rio de Janeiro. Naquele ano foi inaugurado o teatro que ficou conhecido como Casa da Ópera, em lugar do qual hoje não se tem a localização precisa. É sobre esse “pedaço de Paris nos trópicos” que versa esta comunicação.



SIMPÓSIO Nº 5 - LUGARES E LEITURAS DO ROMANCE MODERNO NO MUNDO IBERO-AMERICANO: SÉCULOS XVIII E XIX

Coordenadores:

Prof^a Dr^a Maria Eulália Ramicelli (Universidade Federal de Santa Maria- UFSM)
meulalia@uol.com.br ; meramicelli@hotmail.com

Prof^a Dr^a Maria Lúcia Dias Mendes (Universidade Federal de São Paulo- UNIFESP)-
mldm@uol.com.br

O romance ocidental é uma forma narrativa moderna criada no contexto europeu a fim de dar conta de uma nova concepção e organização da vida em sociedade a partir do complexo ideário burguês. A partir do final do século XVIII, a Inglaterra e, depois, a França, em particular, aparecem como as grandes potências disseminadoras desse novo gênero, espalhando seus romances de sucesso por várias partes do mundo. Esses romances, tão enraizados nas questões de seu tempo, expressavam profundamente a mentalidade e o modo de vida burguês. Por meio de sua circulação dentro e fora da Europa, os romances europeus setecentistas e oitocentistas tanto promoveram a construção de uma comunidade transnacional de leitores em torno de um novo gosto comum como provocaram mudanças marcantes nos hábitos e práticas de leitura. Nos países ibero-americanos, as novas maneiras de publicação, de circulação e de leitura, que integraram o contexto de produção de romance, foram parte de um processo de criação e consolidação de um campo literário. Por conseguinte, este simpósio pretende refletir sobre meios diversos que fizeram do romance uma forma literária conhecida pelos ibero-americanos a partir do século XVIII, quando começa a ser produzido sistematicamente. Como sugestão de abordagem dessa questão, podemos pensar na formação de acervos (particulares e de instituições públicas ou privadas), na tradução de romances, na publicação de romances europeus em diversos formatos (livros ou em periódicos), na recepção pelos críticos do romance moderno, na atuação de outros agentes como editores e livreiros.

-Diferentes lugares, diferentes leituras? Comparação entre críticas da literatura naturalista

Leandro Thomaz de Almeida (Pesquisador IEL/ Unicamp) leandroth@gmail.com

Um dos nomes mais importantes da literatura no final do século XIX, pelo seu alcance e repercussão, foi Émile Zola. O teor de romances como *Nana* e *L'Assomoir* gerou imediata e acalorada discussão, que foi desde a aprovação entusiasmada (em menor medida) até a reprovação explícita (predominante), com acusações de imoralidade e rebaixamento do papel da arte tendo grande destaque. Não se pode negar, assim, que a recepção crítica dos romances zolanianos foram também responsáveis por sua repercussão – uma vista d'olhos nas páginas dos jornais da época mostrará a frequência das menções ao romancista francês. Uma pergunta que pode ser lançada a partir disso é a da variação dos debates sobre o naturalismo em outros países. A presente proposta almeja discutir comparativamente a recepção dos romances escritos sob essa rubrica na França, no Brasil e na Argentina, para se perguntar sobre as semelhanças e diferenças na avaliação crítica dessa literatura. Haveria uma variação no modo de leitura das obras naturalistas

quando comparado àquelas realizadas na França? Ademais, a inclusão do vizinho portenho na comparação permitirá testar a hipótese da generalização no modo de recepção do naturalismo fora de seu berço de origem.

Notas sobre as leituras críticas dos romances folhetins de Alexandre Dumas nos jornais do Rio de Janeiro, Lisboa e Paris

Maria Lúcia Dias Mendes (UNIFESP) mldm@uol.com.br

Alexandre Dumas foi um dos autores mais lidos dos dois lados do Atlântico durante os oitocentos. Entretanto, apesar do grande espaço que o público lhe reservava, encontramos poucas críticas dos seus romances nos jornais. Nesta comunicação, pretendo discutir como as críticas literárias publicadas em jornais de Lisboa e Paris reverberam nos jornais do Rio de Janeiro e como elas colaboram para que se construa a imagem de Alexandre Dumas no Brasil.

-Leituras e gostos: o romance policial no mundo Atlântico de finais do século XIX.

Ana Gomes Porto (Pós-doutoranda no IEL/Unicamp) angomesporto@gmail.com

Emile Gaboriau foi um escritor francês reconhecido como o "criador" de um novo gênero: o romance policial. Desde então - início da década de 1870 - seus romances circularam por diversas regiões do mundo. A intenção desta comunicação será discutir os possíveis motivos que levaram autores, leitores, editores e donos de jornais a se interessarem por este gênero. Se, por um lado, a publicação dos romances de Gaboriau se inserem em um contexto internacional de romances em torno de um gosto comum, por outro pode indicar especificidades de sentidos concernentes a cada país. Pode-se analisar esses sentidos através de uma comparação das publicações a partir dos diferentes suportes de leituras e das adaptações feitas para as traduções que circularam no Brasil e em Portugal. A partir de uma "interpretação social dos usos e sentidos", pretende-se analisar as apropriações dos romances de Gaboriau no mundo Atlântico, em especial nas relações entre França e Brasil.

-Traduções de Mary Wollstonecraft para o português: apontamentos preliminares

Mariana Teixeira Marques (UNIFESP) mariteixeiram@gmail.com

Esta comunicação tem como primeiro objetivo retomar o contexto e o debate acerca das traduções das obras da inglesa Mary Wollstonecraft (1759-1797) em língua portuguesa, tanto em Portugal quanto no Brasil durante o século XIX. Em segundo lugar, interessa apontar, de modo preliminar, as principais questões críticas que se colocam no cruzamento da história das ideias e da história literária a partir dos textos da autora traduzidos para o português.

-Rio de Janeiro, Lisboa e Madrid: rotas ibero-americanas do romance na biblioteca da rainha Carlota Joaquina

*Moizeis Sobreira de Sousa (Pós-Doutorando no IEL/UNICAMP)
moizeis.ssousa@gmail.com*

Quando se pensa no espaço por onde circula o romance moderno (século XVIII e XIX) a atenção recai, não raro, sobre rotas que surgem a partir da França e Inglaterra, frequentemente tomados como centro irradiador dessa forma. Essa perspectiva acaba, muitas vezes, levando a considerar relações como centro/periferia, atraso/modernidade, nas quais o universo ibero-americano surge associado ao atraso em relação a esses dois países. Não obstante a importância que eles ocupam no âmbito da circulação e leitura do romance, é imprescindível levar em conta o peso que outros espaços também possuem. O estudo da biblioteca da rainha Carlota Joaquina, que reúne um núcleo bastante

expressivo de romances, pode contribuir para repensar essas relações. Com base nessas informações, esta comunicação pretende destacar os romances dessa bibliotecas que foram publicados ou têm cidades de Lisboa, Rio de Janeiro e Madrid como local de edição.

-Percursos de romances britânicos até o sul do Brasil: o acervo oitocentista da Biblioteca Rio-Grandense

Maria Eulália Ramicelli (UFSM) meulalia@uol.com.br ; meramicelli@hotmail.com

A Biblioteca Rio-Grandense, fundada em 1846 na cidade de Rio Grande e que se mantém ativa como instituição particular, possui um importante acervo de romances britânicos formado ao longo do século XIX. Tão importante quanto saber quais são esses romances e seus autores é discutir as condições e processos de sua circulação desde a Grã-Bretanha até o Brasil, pois essa perspectiva de estudo nos permite visualizar uma dinâmica literária e cultural necessariamente transnacional da qual participaram agentes culturais, com atuação de foro institucional ou individual. Assim, a partir da pesquisa direta na Biblioteca com os exemplares de romances e de coletâneas de narrativas britânicas, proponho apresentar e refletir sobre a importância de casas impressoras, livrarias e leitores/associados que emergem das primeiras folhas desses livros para comporem a história da formação do acervo oitocentista de ficção britânica da Biblioteca Rio-Grandense.



SIMPÓSIO Nº 6 - O CAMPO POLÍTICO IBERO-AMERICANO E AS PROPOSTAS DE SUPERAÇÃO DE CRISE AO LONGO DA ÉPOCA CONTEMPORÂNEA

Coordenadores:

Prof.^a Dr.^a Fabiana Saboia Santos Navarro (UFRJ) – Pós- Doutoramento Capes-
fabiana.saboia@gmail.com

Mestre Eliana Brites Rosa (ICS-ULisboa) – Doutoramento Interuniversitário em História –
PIUDHist
eliana.rosa@ics.ulisboa.pt

O simpósio convida a comunidade historiográfica a participar com reflexões críticas e atuais sobre o papel dos intelectuais, dos políticos e das organizações políticas (partidos e movimentos) na construção de propostas para a superação das crises que assolaram o Ocidente, de uma forma geral, e o mundo ibero-americano, de uma forma particular, durante a época contemporânea. Pretendemos com esta iniciativa analisar e discutir trabalhos com a finalidade de criar um espaço de debate sobre as ideias políticas, económicas, culturais e sociais produzidas em conjunturas de crise desde o século XIX aos nossos dias.

-Intelectuais, instituições e ideias- Oliveira Vianna e sua linhagem intelectual
Fabiana Saboia (PPGA/ UFRJ) - fabiana.saboia@gmail.com

A partir da análise de algumas das obras dos autores aqui sugeridos, Bernardo Pereira de Vasconcelos, Visconde de Uruguai, e Alberto Torres, a comunicação tem como objetivo traçar uma espécie de genealogia intelectual na qual Oliveira Vianna se encaixa, atentando para a trajetória intelectual e profissional, e suas propostas organizativas. A semântica da palavra família remete justamente a continuidades, que partindo de uma mesma raiz, se torna responsável pela transmissão de caracteres comuns a seus membros. Sabemos, porém, que no seio de uma família, convive-se, lado a lado, com a quebra de relações e transmissão de tradições, num jogo rico de contradições e paradoxos. A apreciação de Oliveira Vianna a respeito das análises destes intelectuais se fez presente em diversas obras suas, ora para se aproximar deles, ora para se distanciar deles, exatamente como convém a relação entre “parentes”, seja o grau de parentesco que tenham. É justamente este estabelecimento de laços intelectuais, que abordaremos na comunicação.

-Uma região problema? O Nordeste de Paulo Freire e Celso Furtado (1958-1964)
Nathalia Rodrigues (Doutoranda PPGH/ UERJ)- nathaliarodriguesdelima@gmail.com

Sendo entendida como a região problema, ou região das secas, o Nordeste brasileiro, esteve, por décadas, conexo às causas dos entraves para o crescimento do país, onde os problemas existentes na região relacionavam-se mais ao seu destino inexorável, do que às gestões e/ou políticas públicas empregadas. Entretanto, a partir do final dos anos 50 e início dos anos de 1960, novas possibilidades foram aviltadas entre os intelectuais e na política brasileira, passando a considerar a região como um polo irradiador de desenvolvimento. Dessa forma, cumpre destacar as práxis dos intelectuais Paulo Freire e

Celso Furtado, sobre a referida região. O primeiro, pernambucano e pedagogo, buscou trabalhar a prática educativa sob o viés da emancipação política e econômica, tendo proeminência a experiência desenvolvida em Angicos – RN. O segundo, paraibano e economista, se destacou por suas ações no plano do desenvolvimento econômico, estando a frente da SUDENE (Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste). Assim, o presente trabalho discutirá as relações e propostas de ambos intelectuais para o nordeste, analisando para isso, suas respectivas obras relacionadas ao tema, na SUDENE e as ações em Angicos, visando compreender o papel exercido por eles para a superação da crise nordestina.

-Cristiano Cordeiro e o incipiente comunismo no Brasil

Alexandre Manuel Esteves Rodrigues – (ISERJ/FAETEC).

alexandrerodrigues2010@ig.com.br

Este trabalho procura discutir as leituras, interpretações e polêmicas travadas nos principais artigos escritos por Cristiano Cordeiro na década de 1920. O autor em questão cursou a Faculdade de Direito de Recife, participou do movimento operário na chamada Primeira República e é um dos nove delegados que participaram do congresso de fundação do Partido Comunista do Brasil (PCB), realizado em julho de 1922. A discussão desses artigos busca estimular uma melhor compreensão das vicissitudes políticas e intelectuais de Cristiano Cordeiro a partir da sua adesão ao movimento comunista. O estudo dos textos desse autor se justifica tanto pela sua singularidade no interior do Partido Comunista quanto pela peculiaridade dos debates travados no processo de constituição de uma nova cultura política na esquerda brasileira.

-Che Guevara, um revolucionário intelectual

Alberto Dias Mendes (Doutorando PPGH/ UERJ). mendesad@yahoo.com.br

A América Latina ficou por muito tempo fora dos debates sobre a questão intelectual. Os exemplos ficavam circunscritos à Europa na maior parte das vezes. Entre os nomes de maior projeção sobre o tema, podemos destacar Ernesto Che Guevara. O presente artigo pretende incluir o líder revolucionário no debate sobre os intelectuais. Para tanto, vamos elucidar, inicialmente, o conceito de intelectual para, em seguida, apresentar as teses elaboradas pelo guerrilheiro argentino-cubano, a fim de oferecer o suporte teórico que dão sustentação à defesa de Guevara como revolucionário intelectual.

-Intelectuais e Identidade Nacional

Maria Emilia Prado (UERJ)- emiprado@gmail.com

Esta comunicação objetiva apresentar algumas das reflexões realizadas pelos intelectuais ibero-americanos dos finais do século XIX e primeiras décadas do século XX, atentando para as convergências e divergências entre eles no tocante aos significados da herança ibérica para a construção na Hispano-América de uma ordem liberal e/ou democrática.

-Assembleia Geral de 1881: nova Câmara, velha política

Alexandra Aguiar – (Doutoranda PPGH/ UERJ) alexaaguilar13@gmail.com

A representação política entrou em debate na Europa, no século XIX, a partir de reivindicações populares por direito de voto. No Brasil, a participação política foi problematizada, na segunda metade do oitocentos, orientada por debates sobre a necessidade de aperfeiçoar o sistema representativo através da seleção do eleitorado e da redução de possibilidades de ilegalidades eleitorais. Tal percepção se concretizou com a reforma eleitoral de 1881, conhecida como Lei Saraiva, que consolidou a participação

política como concessão do Estado, cujos critérios eram a propriedade e a instrução. Proponho uma reflexão sobre a representação política no Brasil, no quadro de crise política da monarquia, analisando a composição e os debates da primeira Assembleia Geral eleita a partir da mencionada reforma.

-O jornal Última Hora como tentativa para a recuperação da estabilidade no segundo governo de Getúlio Vargas (1951-1954).

Thársyla Glessa Lacerda da Cunha- (Mestranda PPGH/UERJ).

tharsylaglessa@hotmail.com

Getúlio Vargas tomou posse como presidente da república pela segunda vez no ano de 1951 assumindo um governo democrático, no entanto seu novo governo foi marcado por grande instabilidade política, devido à forte oposição no congresso e por parte da imprensa. Diante das dificuldades apresentadas ao governo, Vargas buscou uma alternativa para tentar estabelecer uma comunicação mais eficiente com o povo em busca de apoio para conseguir se estabilizar diante da crise que rodeava seu governo, e essa tentativa foi possível devido à atuação do jornal Última Hora, propriedade de Samuel Wainer, que se tornou o porta-voz do segundo governo de Vargas. Wainer procurou, através de seu jornal, conduzir a população a se posicionar a favor do governo, como garantia de direitos e melhoria de vida. Desse modo, o presente trabalho propõe uma análise sobre a atuação deste jornal, mostrando a influência que este exerceu no cenário político do período aqui abordado.

-Sobre ditos e não ditos: a ditadura militar em uma coluna de opinião do Jornal do Brasil

Ana Cláudia Theme da Silveira Soares (Doutoranda PPGH/UERJ) atheme@gmail.com

Ao longo de 103 anos de vida, Barbosa Lima Sobrinho testemunhou os acontecimentos mais importantes da história brasileira no século XX. Jornalista, historiador e acadêmico, participou dos debates públicos de seu tempo como homem de imprensa e autor de mais de 40 livros. Em sua vasta produção, merecem destaque os artigos semanais de opinião publicados no Jornal do Brasil durante os 21 anos do regime militar (1964/1985).

Ao comentar os fatos políticos da época em sua coluna, Sobrinho redige a memória de tempos vividos em meio ao estado de exceção e à violência. São registros do pulso acelerado de um país durante mais de duas décadas de embates, com diferentes inflexões: sobre o que ele escreve? A respeito do que silencia?

O propósito do presente artigo é estudar as dimensões da produção intelectual de Barbosa Lima Sobrinho durante a vigência do regime militar, por meio de sua expressão nos artigos publicados no JB. Tal escrita integra um complexo processo de construção de narrativas históricas e compõe um panorama revelador dos campos intelectual, político e social naquele momento crucial da história brasileira - e que, ainda hoje, passados 30 anos do restabelecimento democrático, guarda zonas de sombra.

-Os intelectuais portugueses e as propostas de superação de crise nacional do Ultimatum à Ditadura Militar (1890-1933)

Eliana Brites Rosa (Doutoranda – PIUDHist/Un. De Lisboa eliana.rosa@ics.ulisboa.pt

Desde finais do século XIX até às primeiras décadas do século XX existiu um sentimento generalizado de decadência e de crise nacional em Portugal. A nossa comunicação pretende analisar a forma como os intelectuais percepcionavam esses fenómenos e que propostas apresentavam para superar a(s) crise(s), que advinham especialmente do campo político, mas que afectavam profundamente toda a sociedade portuguesa. O nosso estudo centra-se no período que vai do Ultimatum britânico (1890) até à Ditadura Militar (1926-1933), sendo dois marcos muito importantes para a compreensão do papel político

dos intelectuais e dos movimentos culturais na construção da modernidade desde os últimos anos da monarquia constitucional até à constitucionalização do Estado Novo. O universo de análise é constituído por todos os movimentos intelectuais portugueses (Geração de 70, Renascença Portuguesa, Orfeu e os Modernistas, Integralismo Lusitano, Seara Nova e Presença) fundados durante esse período e privilegiaremos como fontes históricas as suas revistas.

-Álvaro Cunhal, a crise do regime salazarista e a revolução democrática de 1974-75

João Arsénio Nunes (ISCTE-/Colaborador do CEIS 20, U.C. joaoarsenionunes@gmail.com)

A ideia de crise é elemento central do pensamento marxista desde a sua constituição, como o mostra a própria génese do Manifesto Comunista no contexto da crise internacional de 1847-48. No Portugal do século XX, a história do Partido Comunista pode ser articulada em relação a três crises: a crise económica e política do primeiro pós-guerra, durante a qual se deu o colapso da I República e a formação da ditadura, correspondente ao período de formação do partido; a crise do final da II Guerra mundial, com a derrota mundial dos fascismos, marcada pela emergência do movimento antifascista em Portugal, em que o PCP desempenhou papel liderante; e a crise de 1974-75, no decurso da qual foi derrubada a ditadura fascista e se iniciou uma mudança que pareceu poder desembocar numa revolução social mas veio a saldar-se pelo estabelecimento duma democracia burguesa e a integração do país na União Europeia. O PCP foi um factor activo nos acontecimentos revolucionários de 1974-75 e desenvolveu neles uma intervenção coerente. Tal intervenção decorria de uma longa história no confronto analítico e político com o regime salazarista, que a comunicação procura analisar com base nos escritos do líder histórico do Partido, Álvaro Cunhal (1913-2005), desde a sua juventude até à formação do novo regime constitucional em 1976.

-El nuevo golpismo y el proceso de modernización en América Latina: los casos brasileño y chileno

István Szilágyi - Professor Catedrático de la Universidad de Pécs (Hungría)

szortega@freemail.hu

Durante los últimos sesenta años en el continente latinoamericano se agudizaron las contradicciones de la crisis estructural de la economía, de la política y de la sociedad. Y se presentaron las distintas estrategias, tentativas y respuestas dadas de las distintas fuerzas políticas, corrientes, alianzas y Gobiernos para la crisis estructural del hemisferio. Con la intervención militar de la Fuerzas Armadas brasileñas de abril de 1964 en el continente comenzó la época del nuevo golpismo. Las dictaduras y los regímenes militares de nuevos tipos establecieron los Estados de excepción y los sistemas políticos autoritarios e iniciaron la refundación y la reorganización total de las estructuras económicas, sociales y políticas de los países mencionados. En la ponencia analizamos los distintos modelos de modernización y las distintas estrategias de inserción en la división internacional del trabajo de América Latina y las características de los experimentos de modernización llevados a cabo por los distintos regímenes políticos en Brasil y Chile durante los últimos sesenta años.



SIMPÓSIO Nº 7- CULTURA ESCRITA NO IMPÉRIO LUSO-BRASILEIRO: MANUSCRITOS E IMPRESSOS ENTRE AS DESCONTINUIDADES DA TRADIÇÃO E DA MODERNIDADE

Coordenadores:

Prof^a Dra. Juliana Gesuelli Meirelles – PUC-Campinas

jugmeirelles@gmail.com

Prof^a Dra. Adriana Angelita da Conceição – Pós-Doc- UNICAMP-FAPESP

adrianaangelitac@yahoo.com.br

As perspectivas teóricas e metodológicas da história social da cultura escrita têm se constituído como um campo privilegiado de debate acadêmico, no qual podemos incluir diversos estudos sobre o império luso-brasileiro. Diante disto, este Simpósio Temático visa debater pesquisas que problematizem a formação e a manutenção do império português através da circulação da informação escrita tanto na forma manuscrita quanto impressa. Neste sentido, propomos uma reflexão acerca da conformação da cultura escrita nos processos de modernização do pensamento político e cultural luso-brasileiro, tendo em vista que a escrita manuscrita e impressa ocupou espaços balizados também pelo binômio tradição-modernidade. Pelo viés da tradição das monarquias absolutistas europeias no universo da cultura escrita, a atividade censória emerge como um importante viés de análise: particularmente em Portugal, a criação da Real Mesa Censória, em 1768, que transferiu para o estado a responsabilidade que era de cunho religioso é um fato histórico significativo para ponderarmos, por exemplo, os desdobramentos políticos e culturais na sociedade luso-brasileira, embora a censura não seja um viés exclusivo das profundas transformações ocorridas em Portugal entre o final do século XVIII e início do século XIX. Em 1820, a Revolução do Porto elegeu a liberdade de imprensa e o fim da censura dos impressos como uma das mais destacadas bandeiras, o que também já prenunciava a consolidação de valores fundamentais da modernidade política que se iniciou com a Revolução Francesa. Essas discussões atingiram ambos os lados do Atlântico, sendo percebidas através das produções impressas que conquistaram um espaço importante nas discussões políticas ocorridas na esfera pública do período, sem que os manuscritos deixassem de fazer parte das práticas cotidianas de circulação da informação, sobretudo, por meio das práticas epistolares. Assim, ao investigarmos as práticas de escrita do império luso-brasileiro, entre as redes de circulação de manuscritos e impressos, como objeto de análise, é possível ponderarmos pertinentes questões atreladas às descontinuidades da tradição e da modernidade, entre relações de saber e poder.

-“Tradição” Retórica no Portugal Seiscentista

André Sekkel Cerqueira (*mestrando FFLCH-USP*) -sekkel@gmail.com

Nossa pesquisa procura analisar os textos preambulares (também denominados como paratextos) nos livros de gênero histórico impressos durante o período da Restauração em Portugal. Como base, tomamos os preceitos de retórica antiga, ainda vigentes na Época Moderna segundo as pesquisas recentes de João Adolfo Hansen e Marcello Moreira, prescritos por Aristóteles, Cícero, Quintiliano e o Anônimo autor da Retórica a Herênio para olharmos as práticas de representação e composição dos textos preambulares no século XVII português. No caso específico do gênero histórico, entendemos que, como regra, o prólogo é um lugar de teorização da matéria tratada no livro, portanto é um pequeno tratado sobre o gênero histórico. A dedicatória, por sua vez,

funciona como elogio do mecenas ou senhor, conforme costume vigente na época. As licenças autorizam e dão autoridade ao livro impresso. A carta ao leitor funciona, geralmente, como um diálogo com o leitor, procurando aproximar a matéria do público ao qual é destinada. Dessa forma, podemos afirmar que no livro impresso no século XVII, entendido como discurso, esses textos preambulares descritos acima exercem a função daquilo que a retórica latina chama de exórdio e a retórica grega de proêmio. Como exemplo, analisamos os textos preambulares de “História de Portugal Restaurado” (1679) do Conde da Ericeira e “Evropa Portvgvesa” (1679) de Manual de Faria e Sousa.

-As correspondências do vice-rei d. Fernando José de Portugal com a corte joanina (1801-1806)

Marieta Pinheiro de Carvalho (PPGHB-UNIVERSO) marietacarvalho@gmail.com

Ao longo do Antigo Regime, a correspondência epistolar possuiu uma importância significativa como forma de comunicação oficial entre partes distantes do governo. O objetivo dessa comunicação é analisar a correspondência expedida e recebida por d. Fernando José de Portugal ao longo do seu vice-reinado. Destaca-se a troca de cartas entre o vice-rei e o secretário de Estado dos Negócios da Marinha e Domínios Ultramarinos relatando as suas ações políticas e recebendo instruções sobre como proceder em sua ação na colônia. Por meio de tais documentos será possível investigar quais foram as orientações metropolitanas dadas a d. Fernando José de Portugal, bem como mapear as suas ações político-administrativas, num período marcado por um contexto de guerras peninsulares.

-O Hissope e A Voz da Razão: religião e modernidade no mundo luso-brasileiro de finais do Setecentos a partir de dois poemas manuscritos.

Rossana Agostinho Nunes (Doutoranda -PPGH-UERJ) rossananunes@uol.com.br

Ao final do século XVIII, os eclesiásticos, os dogmas e as práticas da religião católica foram alvo de críticas no mundo luso-brasileiro. Reprimidas pela Inquisição e pela Intendência Geral de Polícia como libertinas, essas críticas não se limitaram a conversas informais, mas perpassaram alguns dos poemas manuscritos, em geral anônimos, que circularam no período. Assim, esta comunicação tem por objetivo analisar dois desses poemas: O Hissope e A Voz da Razão, ambos publicados somente no século XIX. Por meio dela será possível discutir e averiguar a existência de, pelo menos, dois discursos críticos sobre a religião católica: um assentado em uma religiosidade católica exigente e, nesse sentido, integrado a ortodoxia política e teológica portuguesa de meados do século XVIII. E outro voltado para o futuro e preocupado em estabelecer uma nova relação com a religião, questionar a validade dos seus dogmas e das suas práticas. No contexto de efervescência política e doutrinal de finais dos Setecentos, ambos os poemas foram proibidos de circular, embora, na prática, suas mensagens e implicações político-teológicas não fossem as mesmas, evidenciando diferentes formas de pensar a relação religião/sociedade, religião/história e, ao mesmo tempo, diferentes projetos de modernidade.

-As cartas do bibliotecário Luís Joaquim dos Santos Marrocos entre as discontinuidades da tradição e da modernidade no Oitocentos luso-brasileiro

*Adriana Angelita da Conceição (UNICAMP-FAPESP) – adrianaangelita@yahoo.com.br e
Juliana Gesuelli Meirelles (PUC- Campinas) jugmeirelles@gmail.com*

O início do século XIX representou para a história do Brasil um momento de muitas transições, iniciadas, sobretudo, com a vinda da família real lusa para o Rio de Janeiro, que fez da capital do Estado do Brasil, sede da monarquia portuguesa. A instalação da corte na América representou um novo momento econômico, político e sociocultural,

provocando uma ampliação dos espaços de circularidade de impressos e manuscritos. Como exemplo, podemos indicar a travessia pelo Atlântico dos livros da Real Biblioteca d'Ajuda para o Brasil, fundando a Real Biblioteca do Rio de Janeiro, como um momento particular para a história da cultura escrita do universo letrado luso-brasileiro. Neste contexto, este trabalho irá analisar a correspondência ativa de Luís Joaquim dos Santos Marrocos – um dos funcionários da Real Biblioteca, atuando na formação e na estruturação deste novo ambiente cultural. De sua chegada ao Rio de Janeiro, em 1811, até 1821, escreveu dezenas de cartas ao pai, Francisco José dos Santos Marrocos, também funcionário real na Biblioteca d'Ajuda. Por conseguinte, estas missivas serão o objeto de análise deste trabalho, no qual daremos destaque a duas questões: (a) a escrita de cartas de Luís Joaquim dos Santos Marrocos entre as descontinuidades da tradição e da modernidade no que se refere a prática epistolar moderna; e (b) Luís Joaquim como um funcionário real inquirindo destaque na nova corte a partir de sua atuação dentro da biblioteca – um específico espaço da cultura letrada do Oitocentos luso-brasileiro.

-João Manuel Pereira da Silva e a escrita da história no Brasil oitocentista: conflitos entre tradição e modernidade

Rafael Terra Dall' Agnol (Mestrando – UFRGS-CNPq) rhcp Rafael@hotmail.com

No século XIX, cabia a História uma tarefa principal: escrever a história da nação, mas com marcas de cientificidade. Nesse sentido, questões epistemológicas concernentes à escrita da história estão começando a serem postas, tais como a objetividade do conhecimento histórico, a imparcialidade do historiador, o uso adequado das fontes etc.; quando nem mesmo as demarcações no campo científico estavam claras. Dentro desse contexto, surge a obra intitulada Plutarco Brasileiro de João Manuel Pereira da Silva. Escrita em 1847, pelo historiador e advogado Pereira da Silva, esta obra pode ser inserida em um contexto, no qual os rumos a se tomar pós-independência estavam ainda sendo traçados. O que chama atenção na obra, um conjunto de vinte biografias de importantes personalidades do período colonial brasileiro, e que está em intrínseca relação com este simpósio temático é a tentativa de se estabelecer uma tradição intelectual para a nação brasileira. E ao fazer isso, Pereira da Silva remete-se à herança deixada pelos letrados portugueses. Ou seja, busca conferir uma continuidade a, se não mais império luso-brasileiro, relação entre os dois países. Isto é feito, pois, através da escrita da história e, em uma análise mais apurada da obra, é possível depreender os diferentes regimes de historicidade (Hartog, 2013) ali constituídos ao mesmo tempo em que objetiva a continuação da tradição luso-brasileira.

-Na esteira da tradição: (des) continuidades do construtor português em São Paulo, 1872-1914.

Lindener Pareto Jr. (PUC-Campinas) lindenerpareto@gmail.com

Com efeito, o discurso da “chegada” da modernidade na cidade de São Paulo coincide com intervenções urbanas que desde o último quartel do século XIX dominaram a paisagem da “modorrenta” cidade de taipa de pilão e a lançaram no turbilhão de transformações que desaguaram numa cidade à europeia, “italianizada” e repleta de edificações de alvenaria de tijolo. Tal interpretação, além de escamotear a permanência de elementos do período colonial e imperial, também narrou e legitimou uma cidade construída, desde 1872, principalmente por mestres de obras italianos. Nesse sentido, privilegiando as contradições entre a tradição construtiva lusa e a alardeada modernidade da alvenaria de tijolo utilizada por construtores italianos - assim como os suportes de cultura escrita que legitimavam os mesmos grupos - essa proposta de comunicação pretende evidenciar alguns aspectos da permanência da atuação de lusitanos na produção do espaço urbano de São Paulo problematizando as novas formas de inserção do construtor português no final do século XIX.



SIMPÓSIO N. 08- ESTUDOS MIGRATÓRIOS NA AMÉRICA LATINA: IDENTIDADES, FRONTEIRAS E NOVOS ENFOQUES NA CONSTRUÇÃO DO "OUTRO" (XIX E XX)

Coordenadoras:

Profa. Dra. Lená Medeiros de Menezes (UERJ)

lenamenezes@hotmail.com

Profa. Dra. Érica Sarmiento (UERJ/ PPGH-mestrado-Universidade Salgado de Oliveira)

erisarmiento@gmail.com,

Nos últimos anos, os fenômenos migratórios têm merecido lugar de destaque nos ambientes acadêmicos com diferentes mudanças de enfoque nos modelos de análise, na metodologia e nas fontes utilizadas. Os fluxos migratórios deixaram de ser fenômenos sociais isolados, passando a ser entendidos também como um espaço de relações sociais ativo no processo de construção das sociedades receptoras e emissoras. O imaginário e a representação que a imagem do “outro” provoca no espaço que o acolhe, incita os pesquisadores a buscar novas indagações a respeito, por exemplo, da percepção do imigrante através da análise das políticas públicas (como a solução ou a causa dos problemas sociais) ou a inserção e a coexistência dos estrangeiros no espaço urbano a partir de estratégias étnicas ou defensivas, como o associativismo. No caso da América Latina, os estudos migratórios abrem um vasto caminho de discussão sobre os fluxos massivos que desembarcaram em países como Argentina, Brasil, Uruguai, Cuba, entre outros, a partir da segunda metade do século XX. O conhecimento dos grupos migratórios nessas sociedades constitui-se numa importante ferramenta na compreensão dos processos de integração sócio-cultural. O imigrante participou na construção das cidades, na elaboração do espaço urbano e também foi alvo dos discursos das políticas governamentais, para bem ou para mal, segundo o contexto histórico e as necessidades de cada momento. Como as migrações são fenômenos cíclicos, na contemporaneidade elas continuam a existir, seguindo as mudanças econômicas e o contínuo fluxo de ideias e de informação guiadas pela época da globalização.

-Identities in confrontation - presence of South American in Rio de Janeiro - 1950-2010 (Peruvians and Ecuadorians)

Maria Teresa Toríbio Lemos (UERJ) - mtlemos@uol.com.br

A presença de imigrantes sulamericanos no Estado do Rio de Janeiro, como peruanos e equatorianos, é recente faz parte dos deslocamentos populacionais contemporâneos para o Brasil, atraídos pelo seu desenvolvimento. Em comum, essas duas correntes migratórias optaram pela saída de seus países para reconstruir suas vidas em outros espaços sociais, devido à instabilidade econômica, conflitos políticos, miséria, diferenças sociais e perseguições políticas, sem contar com os grupos de estudantes e profissionais liberais atraídos pelos acordos bilaterais. A comunicação *Identities in confrontation - presence of South American in Rio de Janeiro - 1950-2010 (Peruvians and Ecuadorians)* pretende, além de historicizar aqueles deslocamentos, analisar as conjunturas históricas da América Latina e identificar os problemas político-sociais que forçaram aquelas populações despossuídas a procurar novos locais para trabalhar e viver. Também visa a assinalar as dificuldades que esses imigrantes enfrentavam para se instalar nos novos territórios, sofrendo toda sorte de discriminações, preconceitos,

sentimento de xenofobia, indiferença dos governos locais em recebê-los. Destaca questões culturais fundamentais para análise, como memória coletiva, representações simbólicas e cosmovisões, contribuições essenciais para a construção das novas identidades nos países em que chegam.

-Vivências e conflitos num projeto de fuga de uma família luso-angolana
Vitor Manuel Pereira de Lima Gomes (UNIRIO) vmplgster@gmail.com

O processo de luta e libertação de Angola, entre 1974-1975, conduziu aquela ex-colônia portuguesa a uma guerra civil sem precedentes, com milhares de vítimas e forçando um sem número de portugueses e luso-angolanos a uma diáspora nunca vista. Milhares de famílias decidiram emigrar para a antiga metrópole e/ou para outros países, gerando conflitos nas vivências e na inserção dessa população nos novos contextos. Esta verdadeira diáspora impôs a esse fluxo de pessoas grandes desafios de sobrevivência e adaptação, criando forte impacto sociocultural.

A partir desse pressuposto e através do relato das duas mulheres pertencentes a uma mesma família, esse trabalho centra sua análise em alguns desses conflitos e vivências, refletindo sobre os sentimentos e sensibilidades produzidos e experimentados pelo abandono de seu território original, que os luso-angolanos consideravam seu “país”. Examinando como se sentiram com o deslocamento e como se operaram a vivência, a convivência e os conflitos na ex-metrópole e no território de destino definitivo, é possível estabelecer um diálogo com as memórias da e/imigração.

-*Nihonjin* e outras histórias: imigração japonesa no Brasil
César Cordeiro Vieira- UFSC- cesarcordeirovieira@gmail.com

Nihonjin - obra de estreia literária de Oscar Nakasato - surge do seu interesse e de pesquisa sobre a imigração japonesa no Brasil, cujo tema ocupa importante papel no seu romance. Conta a história de Hideo Inabata vindo do Japão no início do século XX para trabalhar em fazenda de café no interior de São Paulo. Alguns filmes relacionados a mesma temática permitiram-me compreender *Nihonjin* sobre a ótica histórica da imigração japonesa para o Brasil. São eles: *Gaijin – Caminhos da liberdade* e *Gaijin – Ama-me como sou*, ambos da Tizuka Yamasaki; *Haru e Natchan – As cartas que não chegaram*, de Sugako Hashida; *Corações sujos*, dirigido por Vicente Amorim; e o documentário *Yami no Ichi Nichi* (“Um dia de trevas - O crime que abalou a colônia japonesa”), do diretor Mário Jun Okuhara. Essas poucas obras, quase todas de ficção, embora baseadas em pesquisas, apontam para verdades que a história oficial não conta. Especialmente os primeiros anos da imigração japonesa no Brasil foram marcados fortemente pela dor, pelo sangue, pela exploração, humilhação e constante busca da sua identidade.

-Imigração para o Brasil e Argentina: um estudo comparado (São Paulo e Buenos Aires, 1870-1930).

André Luiz Lanza- (USP) alanza@fearp.usp.br
Maria Lúcia Lamounier (USP)

O presente trabalho tem como objetivo, em face das bibliografias nacionais e das fontes arroladas, analisar, comparativamente, as políticas de atração de estrangeiros, os fluxos migratórios e os deslocamentos e atividades dos imigrantes no Brasil e na Argentina, e mais especificamente, em São Paulo e Buenos Aires no período de 1870 a 1930, destacando-se o fomento da imigração e a emergência da ideia de nação nos dois países e o papel dos imigrantes para o desenvolvimento da economia agroexportadora e da

indústria. Durante todo o século XIX o fomento à imigração esteve relacionado com a necessidade de se encontrar mão de obra para o setor agroexportador, de povoar o interior dos países e também de modernizar e branquear as duas sociedades. Houve uma intensa mobilidade de estrangeiros entre o campo e as cidades, contribuindo para o desenvolvimento de atividades urbanas e para o crescimento das cidades. As fontes revelaram também uma mobilidade geográfica e fluxos frequentes de caráter sazonal de imigrantes entre São Paulo e Buenos Aires. As informações e dados compilados para a confecção deste trabalho foram coletados de diversos tipos de fontes: fontes governamentais, legislações, censos, relatório, estatísticas. Os arquivos consultados correspondem a acervos físicos e online.

-Que sua alma faça parte da corrente eterna da vida : a permanência inolvidável dos judeus em Nilópolis

Fernanda Capri Raposo – UNIGRANRIO fernandacapri@gmail.com

Há muito que os judeus registram sua presença na capital do estado do Rio de Janeiro. No entanto, no final do primeiro quartel do século XX os judeus descobriram um novo espaço na região da Baixada Fluminense onde poderiam (re)criar as formas e modos de ser e fazer o judaísmo, a futura cidade de Nilópolis. No local eles trabalharam, serviram e construíram comércio e instituições, destacando-se o Cemitério Comunal Isrealita em Nilópolis. Nessa perspectiva, o presente trabalho volta-se para discutir a importância da construção, em 1934, de um cemitério próprio da comunidade, o que pode representar a permanência memorável da etnicidade e cultura judaica na cidade de Nilópolis, marca identitária indelével.

-Entre *gauchos* e *gringos*: tango e identidade na Buenos Aires *fin-de-siècle* (1880-1916)

Avelino Romero Pereira – UNIRIO- romeroavelino@yahoo.com.br

Na virada do século XIX para o XX, a Argentina foi alvo de um afluxo populacional, originário sobretudo da Europa, que mudaria a configuração da sociedade. Entre 1880 e 1910, radicaram-se no país cerca de dois milhões de imigrantes, metade dos quais, italianos. Parte considerável dirigiu-se para Buenos Aires, cuja população saltou de menos de 300 mil em 1880 para quase dois milhões em 1914. Aos imigrantes somavam-se os deslocados do campo. A presença massiva de homens jovens alimentaria a expansão de espaços tipicamente masculinos, como os cafês e prostíbulos, nos quais a dança e a música do tango cumpriram não só uma função de lazer e sociabilidade, mas também de integração social. A incorporação dos novos habitantes implicou um debate intelectual marcado por uma reação tradicionalista que lamentava as mudanças aceleradas. Esse discurso de desencanto, que supunha uma degeneração, rechaçava os *gringos* e valorizava os *gauchos*, via no tango um produto híbrido e cosmopolita, alheio às tradições culturais tomadas por nacionais. Porém, numa reação não prevista por essas representações da identidade nacional, os *tangueros* se apropriariam do discurso *criollista* e formulariam a sua própria versão, elevando um produto cultural tipicamente urbano à condição de nacional: o *tango criollo*.

-La inmigración española y la reagrupación familiar en el Río de Janeiro de la segunda mitad del siglo XX

Ángel Cendrero Almodóvar- Instituto de Historia/Consejo Superior de Investigaciones Científicas -cendrero.angel@gmail.com

En esta ponencia se abordarán diferentes aspectos de la situación de los inmigrantes españoles radicados en Río de Janeiro que se acogieron al plan de reagrupación familiar puesto a su disposición por medio del Comité Intergubernamental para las Migraciones

Europeas y de los familiares españoles que eran candidatos para el viaje. La ponencia se centrará en los años finales de la década de 1950 y los primeros de la de 1960. Algunos de los aspectos que se tratarán serán la ocupación laboral, sus diferentes grados de especialización o su nivel económico en una inmigración que, al contrario que las de otros lugares y otras etapas de Brasil, fue preferentemente urbana, y por tanto con características singulares. Son los resultados, todavía iniciales, de una investigación que se propone estudiar de forma íntegra la realidad histórica de los diferentes protagonistas de la inmigración y emigración dirigida y asistida a través del Comité Intergubernamental de las Migraciones Europeas, tanto en Río de Janeiro como en España.

-Duque de Caxias e a imigração portuguesa: a experiência do *Clube Social Camponeses de Portugal* e seu legado cultural

Angela Maria Roberti Martins (UERJ/UNIGRANRIO) e Tania Maria da Silva Amaro de Almeida (UNIGRANRIO)- angelaroberti@uol.com.br

O trabalho é parte de uma investigação sobre a trajetória e a inserção de algumas famílias de portugueses que se estabeleceram na cidade de Duque de Caxias, região metropolitana do Rio de Janeiro entre as décadas de 1940/50-1970/80. Centra e reflexão não só na experiência da e/imigração, mas, sobretudo, na forma como (re)construíram suas vidas, como lidaram com as tradições e a práticas culturais, procurando perceber o processo de construção de um certo espaço de integração e de sociabilidade que se configurou na cidade como uma marca identitária que serve para demarcar igualdades e as diferenças entre os grupos sociais. Para tanto, toma por base o *Clube Social Camponeses de Portugal*, fundado pela comunidade portuguesa na cidade em 1974 e no qual se pode observar o processo de (re)construção de identidades.